

CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO DOS CATADORES DE LIXO DE MACEIÓ

Ângela Teresinha Costa Lautenschlager

Maceió, 2006

ÂNGELA TERESINHA COSTA LAUTENSCHLAGER

CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO DOS CATADORES DE LIXO DE MACEIÓ

Dissertação de mestrado apresentada a Banca Examinadora do Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Sub-programa UFAL, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marcionila Fernandes.

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

L389c Lautenschlager, Ângela Teresinha Costa.
Condições de vida e trabalho dos catadores de lixo de Maceió / Ângela Teresinha. – Maceió, 2006.
144f. : il.

Orientadora: Marcionila Fernandes.

Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente : Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal de Alagoas. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Maceió, 2006.

Bibliografia: f. 131-144.

1. Catadores de lixo – Maceió (AL). 2. Catadores de lixo – Condições de vida. 3. Catadores de lixo – Relações de trabalho. 4. Reciclagem. I. Título.

CDU: 628.4(813.5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO
AMBIENTE

Condições de vida e trabalho dos catadores de lixo de Maceió

ÂNGELA TERESINHA COSTA LAUTENSCHLAGER

**Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em
18 de setembro de 2006.**

Banca Examinadora:

Marcionila Fernandes, Dr^a. em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas -
Orientadora

Lemuel Guerra, Dr. Em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba - Examinador
Externo

Jenner Barreto Bastos Filho, Dr. Em Filosofia, Universidade Federal de Alagoas -
Examinador Interno

Dedico esse trabalho a meus filhos, Rodrigo e Yuri, que dão sentido a minha vida e me impulsionam na busca do conhecimento, e a meu marido, Adilson, pela compreensão nos momentos difíceis.

Agradecimentos

A Deus, por me dar a oportunidade de chegar até aqui, completar mais uma etapa das várias que ainda virão, com pessoas tão especiais, verdadeiros anjos que Ele colocou em meu caminho e me auxiliaram nos momentos em que precisei.

Aos catadores com quem convivi durante todos estes meses, a “Raquel”, “José Ouvídio” e “Manuel da Lata”, que se constituíram interlocutores privilegiados e se dispuseram a dividir parte de seu tempo e experiências comigo e in memória de Cícera, que faleceu durante o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha família pelo apoio, amor e compreensão durante o desenvolvimento do mestrado, especialmente ao meu filho Rodrigo pelo auxílio com o “Abstract”.

À Prof^a Dr^a Marcionila Fernandes, orientadora deste trabalho, pelo carinho e compreensão, e por ter acreditado sempre na possibilidade de realização do mesmo.

A Jocelina e Josafá Coelho, amigos inesquecíveis, co-responsáveis pela conclusão deste relatório, pelas críticas e sugestões valiosas.

À turma de mestrado PRODEMA/2004, que me acolheu nesta cidade e que por tantos meses fizeram parte do meu cotidiano, enriquecendo os debates, ouvindo as queixas, “agüentando” os desabafos, especialmente Maria Aparecida e Marília.

As turmas de mestrado do Serviço Social (2004 e 2005), pela atenção, disponibilidade, indicação de bibliografias e pelas festas, que tornaram mais leve a caminhada.

A Ana Paula Santos pelo apoio, pelos desabafos e pelo material emprestado.

Ao Prof. Dr. Ivo Tonet pelo apoio e carinho nas horas de “desespero”. Pela disponibilidade em ler o trabalho e pelo convite para participar de um grupo de estudos que possibilitou o “despertar” para a busca do saber.

Aos meus pais e irmãos, pelo “socorro” nas horas de aperto.

A todo o brasileiro, que através dos tributos recolhidos, proporcionaram condições para a concessão de bolsas de estudos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

RESUMO

Este estudo resulta de uma pesquisa empírica que analisa as trajetórias de vida e trabalho de um grupo de catadores de lixo de Maceió-AL, hoje inseridos diretamente na cadeia produtiva da reciclagem, atividade considerada como meio para a preservação ambiental. O objetivo deste trabalho foi analisar o processo de reciclagem de lixo, enquanto política ambiental que reorienta a produção de novos materiais a partir da reutilização dos descartáveis, destacando o papel dos catadores, sua inserção no processo produtivo, suas relações de trabalho e suas condições de vida. A investigação envolveu procedimentos metodológicos concernentes à pesquisa bibliográfica, à documental e à pesquisa empírica, sendo que nela foram utilizadas as técnicas da observação participante para análise do cotidiano, e da entrevista semi-estruturada para a re-construção de suas histórias de vida. O desenvolvimento da investigação possibilitou-nos compreender que a realidade dos catadores de lixo em Maceió não foi alterada. Esses catadores são os mesmos desvalidos de outrora que alimentam a cadeia de produção dos recicláveis. Conclui-se que o trabalho de campo aqui realizado corrobora, à luz da teoria de Gonçalves, que o ciclo perverso é muito mais observado do que o ciclo virtuoso e, ainda com mais razão, que o ciclo atômico da reciclagem. Em suma, a atividade de catação não provê a equidade social e, portanto, não provê o Desenvolvimento Sustentável.

Palavras-chave: Catadores de lixo – Maceió (AL), Catadores de lixo - condições de vida, Catadores de lixo - relações de trabalho, reciclagem.

ABSTRACT

This study results of an empirical research which analyzes the life trajectories and work of a garbage selectors group in Maceió-AL, nowadays inserted directly in the productive chain of recycling. The objective of this work was to analyze the trash recycling process, as an environmental policy that reorients the production of new materials usinor those dismissable ones, detaching the role of the selectors, their insertion in the productive process, their work relationship and their life conditions. The research involved referring methodological procedures to the bibliographical research, the documentary one and the empirical research, being used the techniques of the participant observation to analysis of the daily one, and of the interview half-structuralized for the reconstruction of their histories of life. The development of the research made in possible for us to understand that the reality of the selecting in Maceió had not been modified. These selectors are the same abandoned of long ago that feed the production chain of the recycles. We conclude that the field work here realized in corroborate, in the theory of Gonçalves, who the perverse cycle is much more observed them the virtuous cycle and, still with more reason, than the anatomical cycle of recycling. In short, the activity of selecting doesn't foresee the social fairness and, therefore, don't foresee the sustainable development.

Word-key: garbage selectors Maceió (AL), garbage selectors - life conditions, garbage selectors - work relationship, recycling. .

(...) E o mundo oficial, opulento, soberano, o que faz a estes homens que o vestem, que o alimentam, que o enriquecem, que o defendem, que o servem?

Primeiro, despreza-os; não pensa neles, não vela por eles, trata-os como se tratam os bois; deixa-lhes apenas uma pequena porção dos seus trabalhos dolorosos; não lhes melhora a sorte, cerca-os de obstáculos e de dificuldades; forma-lhes em redor uma servidão que os prende e uma miséria que os esmaga; não lhes dá protecção; e, terrível coisa, não os instrui: deixa-lhes morrer a alma.

(Eça de Queirós - O POVO)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------|---|
| ABES | Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental |
| ABNT | Associação Brasileira de Normas Técnicas |
| ADEIS | Associação para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável |
| AMPITA | Associação dos Moradores do Bairro da Pitanguinha |
| ASMARE | Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte, MG. |
| CASAL | Companhia de Abastecimento de Água e Saneamento de Alagoas |
| CBO | Classificação Brasileira de Ocupações |
| CEASB | Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu |
| CEMPRE | Compromisso Empresarial para Reciclagem |
| CNBB | Conferência Nacional dos Bispos do Brasil |
| COBEL | Companhia de Beneficiamento de Lixo Urbano |
| CONAMA | Conselho Nacional de Meio Ambiente |
| COOPAMARE | Cooperativa de Catadores Autônomos de. Papel, Papelão, Aparas e Materiais Reaproveitáveis |
| COOPLUM | Cooperativa de Limpeza Urbana de Maceió |
| COOPREL | Cooperativa de Reciclagem de Alagoas |
| DLIS | Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável |
| FAPEMIG | Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. |
| FUNASA | Fundação Nacional de Saúde |
| GACC | Grupo de Apoio às Comunidades Carentes |
| GERSRAD | Grupo de Estudos de Resíduos Sólidos e Recuperação de Áreas Degradadas |

| | |
|---------|---|
| GTZ | Empresa de Gerenciamento Técnico Alemã |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IDH | Índice de Desenvolvimento Humano |
| IMA | Instituto do Meio Ambiente |
| IPT | Instituto de Pesquisa Tecnológica |
| MMA | Ministério do Meio Ambiente |
| MNCR | Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis |
| MS | Ministério da Saúde |
| MTE | Ministério do Trabalho e Emprego |
| MUR | Missão Urbana e Rural |
| NBR | Norma Brasileira Registrada |
| OCB | Organização das Cooperativas Brasileiras |
| ONG | Organização Não Governamental |
| ONU | Organizações das Nações Unidas |
| PET | PolietilenoTereftalato |
| P.E.T. | Programa de Empresas Comunitárias |
| PETI | Programa de Erradicação do Trabalho Infantil |
| PRODEMA | Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente |
| SENAES | Secretaria Nacional de Economia Solidária |
| SENAI | Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial |
| SLUM | Superintendência de Limpeza Urbana de Maceió |
| UFAL | Universidade Federal de Alagoas |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |
| UNICEF | Fundo das Nações Unidas para a Infância |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|---------|---|----|
| FOTO 1 | Catadora de lixo com carro pequeno e sacos para pré-seleção do material | 43 |
| FOTO 2 | Catadores de lixo repousando na praça após o almoço | 43 |
| FOTO 3 | Lixeiras utilizadas nos prédios e condomínios da cidade de Maceió | 50 |
| FOTO 4 | Caminhão coletor de lixo na cidade de Maceió, seguido pelos catadores | 51 |
| FOTO 5 | Catador retirando material da lixeira antes do caminhão de lixo | 52 |
| MAPA 1 | Estado de Alagoas e sua capital Maceió | 69 |
| FOTO 6 | Lixo na periferia de Maceió | 72 |
| FOTO 7 | Criança brinca com lixo na porta de sua casa | 72 |
| FOTO 8 | O lixo na periferia de Maceió | 72 |
| FOTO 9 | Riacho Salgadinho (Vale do Reginaldo) | 73 |
| FOTO 10 | Caminhão descarregando o lixo no Vazadouro de Cruz das Almas | 76 |
| FOTO 11 | Catadores durante a operação do trator no Vazadouro de Cruz das Almas | 77 |
| FOTO 12 | Catador da COOPLUM fazendo a triagem do material | 85 |
| FOTO 13 | Catador da COOPLUM separando material | 86 |
| FOTO 14 | Catador da COOPLUM prensando material | 86 |
| FOTO 15 | Catadores da COOPREL fazendo o empilhamento do material | 89 |
| FOTO 16 | Carrocinha da COOPREL utilizada na coleta de materiais | 89 |
| FOTO 17 | Catadora da COOPREL selecionando o material | 90 |
| FOTO 18 | Galpão do projeto Pitanguinha Minha Vida | 92 |

| | | |
|---------|---|-----|
| FOTO 19 | Catador seleciona o lixo em uma das praças da cidade | 95 |
| FOTO 20 | Carrinho de catador utilizado como armário | 103 |
| FOTO 21 | Catadores preparando-se para dormir na rua | 107 |
| FOTO 22 | Família de catadores dormindo na rua | 107 |
| FOTO 23 | Catador dorme na praça | 108 |
| FOTO 24 | Catadora prepara refeição na praça do Skate | 109 |
| FOTO 25 | Residência de catadores em favela de Maceió | 110 |
| FOTO 26 | Catadora lava a louça após o almoço na praça do Skate | 110 |
| FOTO 27 | Catadores cozinhando na praça do Skate | 117 |
| FOTO 28 | Carroças utilizadas na catação | 118 |
| FOTO 29 | Carroças utilizadas na catação | 119 |
| FOTO 30 | Carroças utilizadas na catação | 120 |
| FOTO 31 | Carroças utilizadas na catação | 120 |
| FOTO 32 | Catador forrando a carroça | 121 |
| FOTO 33 | Catadora utiliza sacos para coletar materiais | 122 |
| FOTO 34 | Catador utiliza carro-de-mão para coletar materiais | 122 |
| FOTO 35 | Menino lancha cuidando a carroça para os pais | 124 |
| FOTO 36 | Carroças estacionadas no final da noite enquanto catadores jantam | 124 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 2 | O DEBATE SOBRE A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA, SOCIAL E AMBIENTAL DA RECICLAGEM DE LIXO | 21 |
| 3 | A ATIVIDADE DA RECICLAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS – OS CATADORES DE LIXO NO CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO CONTEMPORÂNEO..... | 39 |
| 4 | A ORGANIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOS CATADORES DE LIXO | 57 |
| | A cidade e o Lixo. O lixo em Maceió | 69 |
| | Organização e profissionalização dos catadores de lixo de Maceió | 78 |
| | As cooperativas e os catadores | 84 |
| 5 | OS CATADORES DE LIXO DE MACEIÓ: RELAÇÕES DE TRABALHO E CONDIÇÕES DE VIDA | 96 |
| | Como eles vivem:..... | 103 |
| | Como eles trabalham:..... | 111 |
| | As principais dificuldades do trabalho: | 117 |
| 6 | CONCLUSÃO..... | 125 |
| | REFERÊNCIAS | 131 |

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem suas raízes num conjunto de observações que surgiu a partir das nossas experiências com trabalhos comunitários desenvolvidos em vários Estados do Brasil, desde 1994.

Atuamos no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI/RS, onde participamos de um projeto denominado Programa de Empresa Comunitária – P.E.T., cujo objetivo era a organização de grupos produtivos nas comunidades da cidade de Pelotas. Já neste momento, fazíamos alguns questionamentos sobre o papel social dessas atividades.

Em Fortaleza, trabalhamos numa entidade denominada de Grupo de Apoio às Comunidades Carentes – GACC¹. Nossa função era coordenar o setor de Formação Profissional e Geração de Emprego e Renda.

¹ GACC - Grupo de Apoio às Comunidades Carentes - organização não governamental, fundada em 1985, com atuação em Fortaleza e interior do Ceará. Financiado por: ESSOR - organização francesa não governamental; PARTAGE POUR LES ENFANTS DU MONDE associação francesa independente de questões políticas ou religiosas; UNIÃO EUROPÉIA; MINISTÉRIO DA COOPERAÇÃO FRANCESA; VOLENS ITINERANS; BANCO DO NORDESTE DO BRASIL; SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES; CONSÓRCIO SOCIAL DA JUVENTUDE; MINISTÉRIO DA SAÚDE/UNESCO: Programa Nacional de DST/AIDS; SECRETARIA DE SAÚDE DO CEARÁ: Coordenadoria DST/AIDS. Realiza projetos em quatro cidades no interior cearense e em cinco bairros na periferia de Fortaleza, atendendo, por ano, mais de seis mil pessoas nas áreas de: agropecuária, desenvolvimento institucional, educação, formação de lideranças, formação profissionalizante e acesso ao mercado de trabalho e orientação sanitária e social.

Na associação para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável - ADEIS², com sede na cidade de Manaus, realizamos atividades de campo visando ao desenvolvimento comunitário. A proposta da ONG era contribuir com a melhoria das condições de vida da população que vivia abaixo da linha da pobreza³.

Essa é a perspectiva das Organizações não governamentais que através de convênios nacionais e internacionais estão assumindo no Brasil o papel de agente das políticas públicas. No plano do discurso, a finalidade das instituições é a resolução, mesmo que em parte, de problemas das comunidades que vivem abaixo da linha da pobreza. Esse também era o nosso anseio, enquanto profissionais, pois considerávamos que aquelas ações fossem, de alguma forma, capazes de contribuir para a modificação do atual modelo social. Portanto, nossa primeira proposta de pesquisa para ingressar no mestrado buscava propor alternativas para as comunidades de baixa renda visando sua inclusão no mundo produtivo.

Com nosso ingresso no PRODEMA - Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente, o que pudemos perceber é que nossas ações se orientavam por um “pragmatismo social” e as propostas tinham efeitos paliativos, portanto, incapazes de alterar as condições de vida daqueles grupos sociais assistidos pelas instituições nas quais nós trabalhávamos.

² ADEIS - Associação para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável. Surgiu em 2001 e foi legalmente registrada em meados de agosto de 2002. Financiado por ESSOR; RÉPUBLIQUE FRANÇAISE; ÁGUAS DO AMAZONAS; SUEZ; CIDADE BRASIL. Desenvolve atividades de formação comunitária, geração de emprego e renda, assessoria ao desenvolvimento de projetos, água e meio ambiente, grupo de mulheres, acesso a serviços urbanos e protagonismo juvenil em várias comunidades da periferia de Manaus-AM.

³ Linha da pobreza - está estipulada em $\frac{1}{2}$ salário mínimo *per capita*, segundo o padrão da Organização Mundial de Saúde (OMS), e a linha da indigência em $\frac{1}{4}$ do salário mínimo *per capita*.

No decorrer do mestrado, com o esclarecimento e aprofundamento de algumas questões, e após longos debates com a Profa. Dra. Marcionila Fernandes, orientadora deste trabalho, entendemos melhor nossas inquietações e pudemos perceber que na realidade não era apenas a atividade em si que inquietava, mas, principalmente, a forma de “inclusão” proposta pelo próprio poder público e pelo denominado terceiro setor.

Assim, o estudo a que nos propomos agora, é fruto, primeiramente, dessa atuação profissional, que gerou a necessidade de compreender como grande parte das ações desenvolvidas por ONGs e outros órgãos destinadas à população denominada de baixa renda, como a catação de lixo e transformação de materiais recicláveis em objetos etc., não poderia constituir-se em uma atividade produtiva permanente, gerando renda para a sobrevivência daqueles grupos.

Nosso trabalho em Manaus-AM com as mulheres de uma comunidade que reutilizavam os materiais descartáveis (PET, papel, latas), transformando-os em objetos artesanais, como vassouras, pufes, sofás, caixas de presentes, canecas de chope, dentre outros, muito influenciaram na nossa decisão de estudar as práticas sociais envolvendo a reciclagem de lixo.

Essa vontade se associou aos questionamentos de nossa orientadora sobre o ressignificado da atividade de catação de lixo como um processo induzido pelas políticas ambientais. Para alguns autores, a reciclagem poderia contribuir com o que passou a ser chamado de desenvolvimento sustentável.

Neste momento de grandes preocupações ambientais, a atividade de catação de materiais recicláveis passa a ser incentivada pela sociedade de modo que são várias as políticas públicas e vários setores sociais envolvidos com o processo de reciclagem de lixo, o que aguça mais ainda as inquietações que nós trazíamos da experiência profissional.

Neste sentido, consideramos importante entender como vivem e trabalham os catadores, hoje, inseridos diretamente na cadeia produtiva da reciclagem, atividade considerada como um meio para a preservação ambiental. Entender suas condições de vida e trabalho tem como objetivo primeiro descortinar a vida de homens, mulheres e crianças que deixam seus casebres durante a semana para viver no seu “local de trabalho”, a rua. Perambulam dia e noite a puxar carroças e revirar depósitos de lixo em busca de “material de valor”. Aqueles que já têm a rua como seu único local de moradia, dormindo nas praças e cantos da cidade de Maceió, e vivem “do ramo”, passaram a ter novas companhias que saem das periferias dos grandes bairros da cidade e descem para o mar, onde mora a população com maior renda *per capita* do Estado de Alagoas. Por último, mesmo sem aprofundar o debate sobre as relações sociais que as políticas ambientais orientam, queremos chamar as atenções para parte do “movimento ambientalista que, às vezes, de tanto olhar o meio ambiente não vêem os homens” (Fernandes, 2006).

Para realizar este trabalho, adotamos, em primeiro lugar, uma revisão bibliográfica sobre a discussão em torno da reciclagem e pesquisas em fontes secundárias atuais, quando fizemos uma revisão da caracterização geral dos

ambientes onde os catadores atuam na cidade de Maceió. Neste período, visitamos as cooperativas de reciclagem – COOPREL – Cooperativa de Reciclagem de Alagoas, e COOPLUM – Cooperativa de Limpeza Urbana de Maceió, a Associação Pitanguinha, o Lixão de Cruz das Almas, a ONG – Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu – que trabalha com catadores, a SLUM- Superintendência de Limpeza Urbana de Maceió e a Secretaria Estadual de Meio Ambiente.

Em um segundo momento, fizemos a identificação dos grupos e conhecimento do campo de estudo, através da interação acerca dos costumes dos mesmos (período exploratório). Visitamos cinco depósitos ou ferros-velhos e alguns pontos de reunião de catadores na orla marítima, no centro da cidade e no bairro do Farol, estabelecendo os primeiros contatos com os catadores de Maceió, em janeiro de 2005.

Delimitamos a área de estudo da cidade de Maceió, com destaque para os bairros da Ponta Verde e Pajuçara, que concentram um grande número de catadores que se deslocam de várias partes da cidade para ali recolherem os materiais recicláveis.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da observação participante. Contatamos, durante o período de observação, com 92 catadores, sendo que acompanhamos e entrevistamos 33.

Elaboramos um diário de campo com identificação dos catadores, descrição minuciosa dos acontecimentos, diálogos estabelecidos, ações, reações, sentimentos e surgimento de novas conjecturas, o que possibilitou o registro etnográfico das condições de vida e relações de trabalho dos mesmos.

No primeiro capítulo, revisamos a literatura sobre o tema, visando compreender as concepções dos autores que vêem na reciclagem um caminho para responder questões de ordem social e ambiental. Para esse grupo de estudiosos, a reciclagem pode ser uma alternativa de renda para quem cata o “lixo de valor” e, ao mesmo tempo, uma medida capaz de atenuar os impactos ambientais causados pelo volume de lixo produzido na cidade. Haja vista que com a reciclagem parte do lixo, depois de catado e selecionado, retorna ao processo produtivo. Ou seja, os pesquisadores que se alinham a essa idéia consideram que as condições sociais dos catadores podem ser alteradas à medida que o lixo (matérias recicláveis) se insere na cadeia produtiva da reciclagem e esta, por sua vez, é vista como uma forma de gestão ambiental capaz de minimizar os problemas urbanos.

Analisamos ainda uma outra visão que considera que a reciclagem reproduz e, ao mesmo tempo, induz a miséria de grupos humanos que vivem do lixo que a sociedade produz e, em vez de reduzir a produção de lixo nas cidades, termina por induzir ao consumo, alimentando o ciclo da produção - matéria prima – produto – consumo – lixo – reciclagem.

No segundo capítulo, buscamos compreender o catador de lixo no contexto sócio-econômico contemporâneo, conceituando, de maneira breve, lixo e resíduos sólidos, salientando o surgimento da figura do catador como escória social, posteriormente integrado à cadeia produtiva da reciclagem e re-significado no discurso de ambientalistas e de governantes.

No terceiro capítulo, discutimos o nível de organização e profissionalização dos catadores de Maceió. Na primeira parte, verificamos a inserção dos movimentos de catadores do Estado de Alagoas, níveis de participação, objetivos e metas dos encontros realizados nas cidades. Fazemos uma síntese das condições sócio-econômicas de Maceió, a fim de explicitar os problemas que envolvem a cidade e o lixo. Também analisamos, neste capítulo, a formação de cooperativas na perspectiva de perceber os níveis de organização de profissionalização dos catadores de lixo de Maceió.

No quarto capítulo analisamos as condições de vida e trabalho dos catadores de lixo de Maceió, que contrastam com a apologia do desenvolvimento da busca da cidadania.

CAPÍTULO 1

O DEBATE SOBRE A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA, SOCIAL E AMBIENTAL DA RECICLAGEM DE LIXO.

O debate sobre a importância econômica, social e ambiental da reciclagem de lixo

A reciclagem como política ambiental tem sido vista sob vários prismas. Alguns autores destacam sua importância econômica, outros seu significado sócio-ambiental. Além daqueles pesquisadores que trabalham no campo da sociologia do meio ambiente, outros estudiosos, também têm se debruçado sobre o significado social da atividade e do papel dos agentes nela envolvidos no processo de produção da reciclagem. As próprias relações de trabalho que se estabeleceram no processo de catação e as questões das cooperativas de catadores são temas que têm preocupado os cientistas sociais.

Do ponto de vista econômico, trabalhamos com autores que ressaltam a importância da reciclagem de lixo no Brasil, considerando que o país perde no lixo, um valor considerável, que poderia se reverter em melhorias que beneficiariam toda a sociedade brasileira.

Dentre vários autores, destacamos o pensamento de Calderoni (2003), que enfatiza a viabilidade econômica da reciclagem e da coleta seletiva de resíduos,

especialmente na cidade de São Paulo, mostrando na perspectiva da economia o seu amplo interesse social. Segundo este autor:

A reciclagem do lixo contribui para o desenvolvimento sustentável, em especial para o desenvolvimento economicamente sustentável. Os fatores que tornam a reciclagem do lixo economicamente viável convergem, todos eles, para a proteção ambiental e a sustentabilidade do desenvolvimento, pois referem-se à economia de energia, à economia de matérias – primas, à economia de água e à redução da poluição do subsolo, do solo, da água e do ar. E convergem também para a promoção de uma forma de desenvolvimento economicamente sustentável e socialmente sustentável, pois envolvem ganhos econômicos para a sociedade como um todo. (p. 321)

Um dado importante é o destaque que este pesquisador dá à reciclagem, enquanto mecanismo capaz de poupar energia elétrica.

Apesar de defender a adoção da reciclagem pelas administrações municipais, o referido autor também demonstra preocupação com o sistema atualmente adotado, pois em sua perspectiva, os rendimentos gerados, não são distribuídos de forma a garantir renda para aqueles que mais dispõem esforços na sua realização. A indústria auferir a maior parte dos ganhos, 66% do total, 11% ficam com o município, 10% com os sucateiros e os 13% restantes distribuídos entre o enorme número de catadores, que desenvolvem esta atividade como uma alternativa à marginalidade.

No nosso entendimento, o autor supracitado não questiona a ordem dominante que tem como lastro a sociedade de consumo. Por conseguinte, se distancia daqueles autores que encontram na produção incessante de mercadoria,

uma das principais causas da produção de lixo, e que a reciclagem se apresenta apenas como uma das inúmeras alternativas para atenuar o problema que é endógeno à sociedade atual.

Como pudemos observar, Cunha (1995) se alia ao pensamento de Calderoni (2003), pois ambos enfatizam a viabilidade econômica da reciclagem. A diferença entre os dois é percebida na medida em que o primeiro autor considera que a viabilidade central da reciclagem reside no seu custo. A transformação do lixo - sucata - deve ser inferior aos custos de utilização da matéria-prima virgem. O simples fato de se criarem programas de reciclagem não significa que os materiais coletados vão ser reciclados, pois as oscilações de mercado podem gerar instabilidades capazes de afetar todo o sistema da reciclagem.

Esta hipótese corrobora com a tese de Miotto (2003), quando considera que, atualmente, o mercado tem se colocado como liderança do modelo de desenvolvimento sustentável, ampliando ainda mais o espaço do capital. Ou seja, essa, como as demais ações, voltadas para a preservação do meio ambiente, se explicam como um movimento que atende às necessidades do sistema social vigente. É sob a ótica da reprodução do capital, em última instância, que se ergue a gestão do lixo urbano.

Como coloca Cunha (1995), no parágrafo acima, o processo de reciclagem está fortemente vinculado às leis de mercado, não bastando a existência de programas de reciclagem para que a mesma seja instituída, ou seja, a suposta

contribuição ao desenvolvimento, proposta pelos autores que defendem a reciclagem, enquanto política ambiental, acontecerá apenas quando atender aos interesses econômicos dos empresários da reciclagem. Questionamos, por isso, o que se faz com os resíduos produzidos quando o mercado for desfavorável?

O referido autor considera ainda que os investimentos nos programas de coleta seletiva⁴ e reciclagem de lixo, como soluções alternativas, precisam ser estimulados pelos governos locais, visto que têm demonstrado um potencial dinâmico e transformador no comportamento da população frente ao seu lixo, e já se expandiram por diversos municípios brasileiros, estando, porém, condicionados, inicialmente, a um trabalho de educação ambiental que mobilize e estimule os cidadãos a alterarem seus hábitos e condutas.

Cunha (1995), ao discordar de Calderoni (2003) – considera que o investimento feito pelos órgãos municipais se paga com o rendimento da reciclagem – entende que as organizações comunitárias devem ser estimuladas e reconhecidas pelos governos municipais como parte da estratégia de reciclagem do lixo, pois, a coleta seletiva realizada diretamente pelos serviços públicos municipais esbarra sempre nos altos custos de sua execução.

⁴ A coleta seletiva representa um processo de valorização dos resíduos, na qual estes são selecionados e classificados na própria fonte geradora, visando seu reaproveitamento e reintrodução no ciclo produtivo. A operação da coleta seletiva poderá ser domiciliar, através de coleta porta a porta, em que os resíduos recicláveis são coletados diretamente nas casas, por pessoal credenciado, utilizando-se de carrinhos de movimentação manual, e levados a seguir para o centro de triagem; através de postos de entrega voluntária, consistindo de coletores de diferentes cores, instalados em pontos estratégicos onde a população possa levar os materiais previamente segregados; e/ ou através da coleta de grandes geradores, na qual os próprios geradores deverão providenciar o destino desse material diretamente ao centro de triagem ou negociar seu recolhimento de acordo com o projeto que vier a ser implantado. A Resolução do CONAMA nº 275 de 25/04/2001, estabelece o

Quando Cunha (1995) considera que os atuais catadores dos lixões e os de rua precisam ser estimulados a se organizarem em cooperativas a fim de que sejam resgatados da marginalidade social a que estão relegados e que seu trabalho deve ser reconhecido como atividade profissional e integrado aos serviços de limpeza, principalmente nos programas de coleta seletiva, percebemos que sua preocupação vai além do crescimento econômico obtido com a reciclagem. Ele também demonstra preocupação com as questões relativas aos catadores de lixo, não considerando, no entanto, as precárias situações das cooperativas de catadores, nem a atual política sócio-econômica.

O referido autor considera que a capacidade produtiva dos setores mais avançados da indústria nacional, bastante integrados às estratégias de flexibilização e globalização da economia mundial, reproduz um modelo cultural consumista, contraditório. Para ele, com a idéia da reciclagem, que visa reutilizar, retornar e reaproveitar o que foi utilizado e descartado como lixo, identifica nos processos produtivos um atrelamento aos interesses mercadológicos.

Outro autor que considera a viabilidade econômica da reciclagem é Conceição (2003). Contudo, apresenta suas preocupações com os problemas sociais decorrentes dessa atividade. Para este autor, os catadores, incluídos aqueles organizados em cooperativas, continuam exercendo uma atividade subumana e degradante.

Conceição (2003), ao investigar um grupo de cooperativas de catadores de lixo em São Paulo, verificou que existe uma enorme distância entre os princípios do cooperativismo⁵ e as reais condições de funcionamento das referidas cooperativas.

Tavares (2004) considera que:

A cooperativa pode ser um brutal mecanismo de intensificação da exploração do trabalho (...) O caráter de legalidade que se atribui a essa forma de exploração pode ser gerador de uma explosiva difusão do modelo “cooperativista”, pelas condições em que o trabalho pode ser ofertado (...) Um empreendimento que nasce subvencionado pelo Estado e por capitalistas não pode, jamais, pretender funcionar como uma cooperativa genuína, capaz de superar a divisão social do trabalho. (p: 165)

⁵ Segundo a OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), Cooperativa é uma associação autônoma de, no mínimo, 20 pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida. As cooperativas baseiam-se em valores de ajuda mútua e responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Os princípios do cooperativismo são as linhas orientadoras através das quais as cooperativas levam os seus valores à prática. São eles: Adesão voluntária e livre – as cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, sem discriminações de sexo, sociais, raciais, políticas e religiosas. Gestão democrática e livre – as cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Participação econômica dos membros - os membros contribuem equitativamente para o capital das suas cooperativas e controlam-no democraticamente. Parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os cooperados recebem, habitualmente, se houver, uma remuneração limitada ao capital integralizado, como condição de sua adesão, destinando os excedentes a uma ou mais das seguintes finalidades: Desenvolvimento das suas cooperativas, eventualmente através da criação de reservas, parte das quais, pelo menos será, indivisível. Benefícios aos membros na proporção das suas transações com a cooperativa. Apoio a outras atividades aprovadas pelos cooperados. Autonomia e independência - as cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos seus cooperados. Se firmarem acordos com outras organizações, incluindo instituições públicas, ou recorrerem à capital externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos seus membros e mantenham a autonomia da cooperativa. Educação, formação e informação – as cooperativas promovem a educação e a formação dos seus cooperados, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Intercooperação – as cooperativas servem de forma mais eficaz os seus membros e dão mais força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, através das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais. Interesse pela comunidade - as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades através de políticas aprovadas pelos membros.

Conceição (2003) considera que as cooperativas estudadas por ele evidenciaram-se como associações fragmentadas e com poucos recursos, devido ao fato de sua origem estar na pobreza e na marginalização de seus membros: os catadores de lixo. Analisando as cooperativas de lixo no interior de São Paulo, este autor afirma que:

[...] a reciclagem é uma invenção mercantil intimamente ligada à estrutura produtiva, fornecendo matéria-prima barata aos segmentos industriais que a utilizam [...] O catador de lixo atende a vontade do capital, ao mesmo tempo em que realiza um serviço “ecológico” para a sociedade, mas este serviço tem um preço alto, pois é realizado em condições subumanas, num ambiente em que a concorrência pelo produto é disputada com ratos, animais peçonhentos e urubus, sem se contar com o perigo da aquisição de uma doença. [...] os catadores, ao mesmo tempo em que são os “agentes da modernidade”, tornam-se também a escória da sociedade. (p. 184 e 185)

Este estudioso observa que a sociedade, representada por suas entidades de classes, está propondo e incentivando a criação de trabalhos associativos com objetivo social e ambiental, como proposta para um desenvolvimento sustentável para o planeta. No entanto, as cooperativas não atendem nem um, nem outro objetivo. As cooperativas de reciclagem de lixo estão malsinando o sentido do trabalho associativo, e o pior, criando trabalho precarizado, sendo que seu trabalho pouco ou quase nada tem ajudado ao desenvolvimento sustentável, ficando evidente que se trata de uma questão histórica, produzida coletivamente e é de interesse do capital manter as coisas assim como estão.

Vivemos em uma sociedade industrial capitalista, na qual nossos desejos, gostos e vontades são, na verdade, condicionados para manter constantes os fluxos

do processo produtivo. Existimos enquanto consumidores porque somos continuamente recriados pela produção de sempre novas mercadorias. As mercadorias tornam-se sujeitos porque não são apenas objetos oferecidos ao consumidor, elas são a própria necessidade fabricadas em forma de Coisas. (MIOTTO, 2003)

Os produtores sempre procuram criar necessidades nos consumidores. E o fazem não somente porque dependem das necessidades alheias, mas porque o princípio básico da vida econômica por eles construída é à busca de lucros. A propaganda reforça a subjetivação das mercadorias, tão sedutoramente anunciadas, e promove uma inversão significativa e perversa: não usamos as Coisas, elas nos usam. (MIOTTO, 2003)

Mészáros⁶ afirma a estreita relação entre os avanços no processo produtivo da sociedade industrial capitalista com as constantes mudanças nos hábitos de consumo. Privilegiam-se os produtos do consumo imediato e, conseqüentemente, de rápido descarte. Para o autor, quando a vida útil de um bem é deliberadamente diminuída predominam apenas as necessidades da produção e não as necessidades humanas.

A produção de lixo em massa representa o oposto da racionalização econômica, uma vez que a indústria do descartável o produz sem se preocupar com seu destino final.

⁶ MÉSZÁROS, I. (1989 apud MIOTTO, 2003)

A reciclagem, uma das propostas para reduzir a quantidade de lixo depositada nos aterros, e assim aumentar a vida útil destes, é incorporada pelas indústrias como um negócio. O lixo vira mercadoria e os trabalhadores da reciclagem, conhecidos há muito tempo no Brasil como catadores de lixo, papeleiros, xepeiros, badameiros, carroceiros etc., ganham novo significado, sendo reconhecidos pelos diversos setores que compõem o ciclo da reciclagem: sucateiros, indústrias recicladoras e serviços de limpeza públicos.

“A prática da catagem, segundo Miotto (2003), adquiriu um novo *status* em um país que gera lixo em massa, onde é alto o índice de desemprego e que assumiu, pelo menos no discurso, a idéia do desenvolvimento sustentável”. E salienta que, “a sociedade do descartável, que muitos aceitam como sendo a norma, expande-se por todo o planeta, mas exclui as populações mais pobres, periféricas, subdesenvolvidas”.

Para aquela autora, embora a reciclagem de lixo possua elevada importância em uma sociedade que gera lixo em grande quantidade, como a brasileira, embora promova a economia de energia e de matéria prima durante o processo de fabricação, precisa ser destacado que as indústrias (principalmente que trabalham com reciclagem ou produtos reciclados) estimulam o aumento do consumo de produtos com embalagens recicláveis. Nesse sentido, ela lembra que, apesar da reciclagem de papelão e vidro, que já ocorre há mais de 50 anos no Brasil, ter crescido muito, aumentou ainda mais a geração de resíduos, resultado do aumento no consumo, crescendo consideravelmente o volume de embalagens no lixo, a partir da década de 70.

Miotto (2003), também defende que a reciclagem de lixo, por reproduzir a dinâmica da sociedade industrial capitalista, não promove uma mudança efetiva na problemática ambiental em direção ao desenvolvimento sustentável. Considera que “o lixo é a metáfora do modelo de sociedade em que vivemos e seu processo de reciclagem, a manutenção desse modelo”.

A prática de catação de lixo adquiriu um novo status em um país que gera lixo em massa, onde é alto o índice de desemprego e que assumiu, pelo menos no discurso, a idéia do desenvolvimento sustentável. Diante disso, não se pode deixar de reconhecer a extrema força dos próprios catadores para sobreviver neste mercado, cada dia mais concorrido. As cooperativas de catadores de materiais recicláveis são o melhor exemplo. (MIOTTO, 2003)

Grippi (2001), Campos e Cavassan (2003), Rodrigues e Cavinatto (2003), acreditam que a reciclagem e o reaproveitamento de materiais contribuem para a conservação dos recursos naturais e para minimizar os impactos ambientais oriundos da produção de lixo em massa.

Ambientalistas e outros estudiosos da reciclagem consideram que a reciclagem tem um papel fundamental dentro do conceito de desenvolvimento sustentável. Para Grippi (2001) existe um outro problema no Brasil, que é a disposição do lixo a céu aberto, contudo considera que a reciclagem traz benefícios econômicos, sociais e ambientais.

A citação abaixo reflete o pensamento dos autores acima citados:

(...) se a produção de lixo é infinita esta deve ser pelo menos reduzida, e ter uma destinação sanitária adequada. (...) as usinas de triagem apresentam-se como uma alternativa viável para o adequado gerenciamento do lixo urbano, (...) citam como maiores benefícios a melhoria das condições ambientais e sanitárias dentro do município, a diminuição no volume de lixo que necessita ser aterrado, o aumento da vida útil do aterro, a economia de energia, a economia de matéria-prima virgem, os benefícios sociais, geração de empregos diretos e indiretos, geração de renda com a venda do composto orgânico e de materiais recicláveis, o despertar do sentimento de cidadania. (GRIPPI, 2001:78)

Campos e Cavassan (2003) reforçam o mesmo pensamento sobre o papel da reciclagem do lixo. Contudo, para eles é necessário rever o modelo de desenvolvimento, repensar o modo de vida, “otimizando” o uso e a disposição adequada de todos os produtos consumidos. Acreditam que gerações e gerações foram educadas, privilegiando a visão estritamente econômica, em detrimento da visão ambiental e que por isto a sociedade está pagando um alto preço.

Para Rodrigues e Cavinatto (2003), a reciclagem além de diminuir a extração de recursos naturais, devolve para a terra uma parte de seus produtos e reduz o acúmulo de resíduos nas áreas urbanas. “Os benefícios obtidos nesse processo são enormes para a sociedade, para a economia do país e para a natureza”.

Vilhena (2005), defensor da reciclagem como política de enfrentamento dos problemas gerados pelo acúmulo de lixo, considera que a reciclagem tem-se mostrado excelente oportunidade de novos empreendimentos, traduzindo-se em geração de emprego e renda para diferentes níveis da escala social.

Ávila (2004), do Departamento de Engenharia Mecânica da UFMG, defende a reciclagem enquanto política ambiental. Para ele, cada um pode fazer a sua parte, começando por adotar a filosofia dos três erres: reduzir, reutilizar e reciclar. Na visão deste autor, reduzindo e reutilizando materiais descartáveis, evitamos que maior quantidade de produtos se transforme em lixo. Reciclando, prolongamos a utilidade de recursos naturais, além de diminuir o volume de lixo.

Na contramão dessas afirmações, Layrargues (2002), acredita que pelo menos alguns materiais que são reciclados não contribuem com a preservação ambiental. Em "O Cinismo da Reciclagem" (p. 192), escreve que o Instituto Virtual de Educação para reciclagem afirma que o Brasil produz em média 241.614 toneladas de lixo diariamente e que o volume de latas de alumínio corresponde a apenas 1% deste total, não sendo significativa sua reciclagem para alongar a vida útil dos depósitos de lixo. Cita ainda, que mesmo o Brasil sendo o campeão em reciclagem de latas de alumínio, na realidade, a contribuição para a economia de bauxita representa algo em torno de 0,02% do que é extraído no País.

Para aquele autor:

[...] o verdadeiro cidadão consciente e responsável não é aquele que escolhe consumir preferencialmente produtos recicláveis, ou que se engaja voluntariamente nos programas de reciclagem, mas aquele que cobra do Poder Público, por meio de processos coletivos de pressão, que o mercado ponha um fim na obsolescência planejada e na descartabilidade, e, sobretudo, que exige do Estado a implementação de políticas públicas que destruam os mecanismos perversos de concentração de renda, propiciando, assim, a possibilidade de o grupo social dos catadores e sucateiros repartir igualmente os ganhos oriundos da economia proporcionada pela reciclagem do lixo. (p. 215)

Gonçalves (2003) distancia-se do debate sobre a importância da reciclagem no âmbito econômico e ambiental, se atendo a compreender o papel social dos catadores no processo de produção de materiais recicláveis.

A mesma autora descreve três círculos dentro destes processos da reciclagem: o perverso, o virtuoso e o atômico da reciclagem.

Participam do círculo perverso aqueles catadores que rasgam sacos na rua, levam sacos de lixo com conteúdo não separado na fonte, para separar na cooperativa, pegam só latinha ou só papelão, não têm força política, não estabelecem parcerias, vendem pouca quantidade e barato, e freqüentemente, têm alguma dependência química, mantendo-se marginal.

Ainda para a referida autora, neste círculo, aparece a pessoa do intermediário como parte da cadeia produtiva, que atua desvalorizando o material vendido pelo catador, escravizando, na nossa visão, a partir do empréstimo dos equipamentos de trabalho. Neste caso, os catadores alugam as carroças desses agentes estabelecendo uma relação de subordinação.

A indústria não investe na cadeia do fluxo reverso, ou seja, no gerenciamento do fluxo dos materiais recicláveis, do ponto de consumo de volta para o ponto de origem. Dessa forma, o índice de reciclagem é baixo e contribui para perpetuar a exclusão social, não assegurando a preservação dos recursos naturais,

ocasionando ainda um desenvolvimento insustentável em todos os aspectos e trazendo vantagens econômicas para poucos.

Outro círculo, descrito por Gonçalves (2003), é o virtuoso, em que cada um faz a sua parte. O consumidor, antes de comprar, reflete, entre outras coisas, sobre a embalagem do produto, se é reutilizável ou reciclável. Separa os materiais recicláveis na fonte, destinando-os, depois de consumidos, conforme sua composição, para a reciclagem.

No círculo virtuoso, o catador não cata em lixão, se organiza em cooperativas ou associações; não rasga sacos na rua, coleta todos os recicláveis. Articula-se com a sociedade buscando multiplicar as unidades domiciliares que separam o lixo na fonte; coleta apenas materiais previamente separados; tem força política ou busca ratificá-la com organização e articulação, estabelecendo parcerias libertadoras e não paternalistas. Vende em maiores quantidades e melhores preços, de forma consorciada, mantendo-se afastado do poder do tráfico e da dependência química, buscando novas formas de comercialização.

A indústria investe no fortalecimento da cadeia do fluxo reverso, em programa de educação ambiental, utiliza matéria-prima reciclável, pratica preços justos, contrata os funcionários obedecendo a legislação trabalhista, retorna para o consumidor o bem produzido com matéria-prima reciclável, fechando a cadeia produtiva.

O terceiro círculo é o círculo atômico, que descreve a função do Estado nesse processo. Esse círculo envolve sempre os demais, e serve de contexto para a discussão da questão do lixo em diversos eventos, como o Fórum Lixo e Cidadania, Agenda 21, encontros municipais, estaduais e nacionais de catadores e outros. Demanda do poder público, de forma articulada com as várias representações setoriais envolvidas no tema, uma interface mais amigável e compreensível das políticas públicas e novos instrumentos de desenvolvimento existentes, tais como programas de apoio, incentivos fiscais, e outros.

Neste círculo, o Estado se ocupa da questão da reciclagem, considerando suas implicações sociais, ambientais e econômicas, envolvendo as secretarias na definição das políticas públicas de apoio à reciclagem. O Estado atrai para a região empresas que podem fomentar a cadeia produtiva da reciclagem com incentivos e apoios, desenvolvendo uma interface que facilita o acesso e o entendimento das diretrizes e programas de apoio à cadeia produtiva de reciclagem por parte dos atores.

Quando Gonçalves (2003) descreve os três círculos, deixa claro que apenas no contexto do círculo virtuoso, atrelado ao círculo atômico, a reciclagem pode contribuir com o desenvolvimento sustentável.

Para Mota (2002),

A especificidade da indústria de reciclagem consiste em transformar as seqüelas do processo de destruição ambiental em um novo objeto

da produção mercantil, estruturando o seu processo produtivo através da adoção de novas tecnologias, do uso de materiais recicláveis e da organização de uma determinada forma de cooperação entre o trabalho que começa na rua e continua na fábrica. (MOTA, 2002:10)

Mota (2002) salienta ainda, que o catador de lixo é desconhecido pelas empresas de reciclagem como partícipe do seu processo de trabalho, embora estas o integrem ao processo geral de produção dos reciclados. “Também o Estado, através das instituições urbanas públicas, sob o discurso da preservação ambiental ou da política social, media esse processo de produção de mercadorias” (p. 10).

Para nós, revisar a literatura sobre a reciclagem de lixo e sua importância econômica, social e ambiental significou muito mais que analisar o estado da arte. Nosso objetivo foi, à luz do debate, percorrer as várias concepções teóricas e propostas políticas, envolvendo o papel dos catadores de lixo no *processo produtivo da reciclagem*.

Conforme Miotto (2003), sob o manto da reciclagem, enquanto meios de preservação ambiental, estão invisíveis interesses econômicos e políticos. Vejamos o que constata a autora:

As campanhas de reciclagem promovidas pelo setor de latas de alumínio salientam, além dos benefícios sociais, os benefícios ambientais de seu consumo – redução do volume de lixo nos aterros e diminuição na exploração de bauxita, quando na verdade, o que é significativo é a economia que faz a empresa ao reduzir os gastos com energia e aquisição de matéria prima, aumentando assim, sua margem de lucro.

A constatação de Miotto, como todas as idéias analisadas no decorrer deste capítulo, fortalecem a nossa convicção de que a reciclagem enquanto Política Ambiental e Econômica merece uma análise mais ampla. É importante para nós discutir a profissionalização da atividade de catador de lixo e compreender como os catadores podem adquirir sua cidadania através da atividade de catação. Será possível existir um processo de reciclagem de lixo enquanto um círculo virtuoso, na concepção de Gonçalves (2003)?

Uma outra questão que se põe: a reciclagem contribui para diminuir os impactos ambientais decorrentes da extração de recursos naturais e da geração de resíduos? Como vivem e trabalham os catadores de lixo?

Nosso objetivo com esta pesquisa não foi responder às questões postas acima. Quisemos apenas explicitar a problemática dos catadores no processo produtivo da reciclagem, através da revisão da literatura.

Em primeiro lugar, visamos demonstrar “o custo social” da reciclagem a partir daqueles que vagueiam pela cidade, dia e noite, em busca de materiais recicláveis. Em segundo lugar, a idéia é contribuir para fortalecer, a partir do acompanhamento da vida e do trabalho cotidiano dos catadores, as hipóteses que consideram a reciclagem, enquanto processo produtivo, acionam e colocam as pessoas que estão na ponta – os catadores – para trabalhar e viver sob condições degradantes, conforme a realidade apresentada no último capítulo.

CAPÍTULO 2

A ATIVIDADE DA RECICLAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS – OS CATADORES DE LIXO NO CONTEXTO SOCIO-ECONOMICO CONTEMPORÂNEO

A atividade da reciclagem e suas implicações sociais – os catadores de lixo no contexto sócio - econômico contemporâneo

Conforme a Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 23, inciso IX, os serviços de Limpeza Pública no Brasil são de responsabilidade dos municípios, por enquadrar-se no conceito de interesse local, conceito constitucional chave na definição e delimitação das competências e atribuição dos municípios (Krell, 2000). Após essa definição constitucional, os municípios passaram a criar normas para uma proteção mais eficiente do meio ambiente.

O Código de Limpeza Urbana de Maceió, Lei 4.301/94, em seu artigo 8º, faz a definição do “lixo” nos seguintes termos: “(...) conjunto heterogêneo de resíduos sólidos provenientes das atividades humanas (...)”, classificando-os em: (...) § 1º - *lixo domiciliar*, para fins de coleta regular, os produzidos pela ocupação de imóveis públicos ou particulares, residenciais ou não, acondicionáveis na forma estabelecida por este Código. § 2º - *lixo público*, os resíduos sólidos resultantes das atividades de limpeza urbana, executados em passeios, vias e logradouros públicos, praias e o recolhimento dos resíduos depositados em cestos públicos. § 3º - *lixos sólidos especiais*, aqueles cuja produção diária exceda o volume ou peso fixado para a coleta regular ou que por sua composição qualificativa e/ou quantitativa, requeiram

cuidados especiais em pelo menos uma das seguintes fases: acondicionamento, coleta, transporte e disposição final.

Conforme a Organização Mundial da Saúde lixo, é “aquilo que seu proprietário não deseja mais, em um certo lugar e em um certo momento, e que não tem valor comercial corrente”.

Resíduos sólidos, segundo as Normas da ABNT, são:

Resíduos nos estados sólidos e semi-sólidos, que resultam de atividades da comunidade de origem: urbana, agrícola, radioativa e outros (perigosos e/ou tóxicos). Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável seu lançamento na rede pública de esgoto ou corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis, em face à melhor tecnologia disponível (NBR 10.004 - 1987).

Neste trabalho, quando nos referimos a “lixo” ou “resíduo”, estamos utilizando esses termos na linguagem corrente, na qual lixo e resíduos são tidos praticamente como sinônimos, sendo: “lixo - todo material inútil, descartado, posto em local público, tudo o que se joga fora” (Calderoni, 2003). Tratamos, também, apenas do lixo domiciliar e público, assim entendido na classificação dada pelo código de limpeza urbana de Maceió.

Historicamente, aqueles que não têm meios para a sua sobrevivência ocuparam-se da mendicância, da catação de lixo e tem como abrigo a própria rua, dormindo e comendo em calçadas, praças etc. Com o crescimento das cidades, o surgimento das megametrópolis e a redução do mercado de trabalho, aumentaram,

em grande escala, o número de catadores nas cidades. Na “sociedade de consumo”⁷, a quantidade de lixo produzido cresce a cada ano de forma exponencial. A produção de mercadorias estimula o consumo, que, por sua vez, estimula a produção, que cria mais opções de consumo, tornando mais complexo o problema do lixo no campo social e no campo ambiental, quer se trate do envolvimento de grande contingente de cidadãos que vivem da atividade de catar lixo, quer se trate do seu destino final e das formas de coleta. Os catadores de lixo fazem parte da história social do Brasil, construída com base na exclusão social⁸.

⁷Segundo Barbosa (2004), a expressão, Sociedade de Consumo, é um dos muitos apelidos usados para rotular as sociedades contemporâneas, que aponta uma dimensão bastante específica da vida social nas chamadas economias de mercado: a grande autonomia do consumo em relação a variáveis como status, grupo étnico, sexo e idade. Na sociedade de consumo, a escolha de bens de consumo é, em grande medida, um ato individual e arbitrário - as pessoas podem comprar o que quiserem desde que tenham renda para isso, independentemente de sua posição social. A valorização crescente do consumo individual é uma daquelas mudanças culturais que pavimentaram o caminho até a Revolução Industrial. Outras transformações sumarizadas por Barbosa foram: o aparecimento de um novo conjunto de mercadorias a partir do século XVI como resultado da expansão ocidental para o oriente, a valorização do novo, o culto ao presente social, o invento da impressão, a preocupação com novas formas de lazer, a construção da nova subjetividade, a valorização do amor romântico e a expansão da ideologia individualista. Nessa ordem de coisas, os novos processos e modalidades de consumo assim como sistemas e práticas de marketing teriam sido as últimas notícias da nova era. As vitrines, os manequins, o mundo de sonhos apresentado pelas lojas de departamento, o auto-serviço, o preço fixo das mercadorias e o crédito ao consumidor são citados pela autora entre os momentos finais do desenvolvimento da sociedade de consumo.

⁸ A exclusão social pode se caracterizar por um processo de ruptura dos vínculos sociais de um determinado grupo em relação a toda a sociedade. Esta definição, entretanto, se confunde com inúmeras outras expressões como marginalização, desvio e estigmatização. Para evitar tal ambigüidade, consideramos necessária uma maior focalização do fenômeno na questão do emprego, em seu significado como capacidade de integração para a sociedade contemporânea. Neste sentido, permanece a perspectiva do trabalho como centro da coesão social e transações sociais, mesmo em uma época em que se discute longamente a crise da sociedade do trabalho. Apesar de estar sofrendo profundas mudanças, compartilhamos a perspectiva de que o trabalho continua ocupando posição de destaque como fator de estruturação social. Uma não integração ao mundo do trabalho pode significar uma não inserção social. (TOSTA, 2000: 203)



Foto 1- Catadora de lixo com carro pequeno e sacos para pré-selecionar o material
 Fonte: o autor, 2006.



Foto 2- catadores de lixo repousando na praça após o almoço
 Fonte: o autor, 2006.

A reciclagem de alguns materiais, como do papelão e do vidro, não é algo novo. A grande diferença do processo de reciclagem na atualidade está na produção de uma grande quantidade de novos materiais descartáveis, aumentando em demasia a produção de lixo. Se por um lado, cresceu a reciclagem no país, por outro, também aumentou a geração de resíduos, resultado do aumento no consumo. (MIOTTO, 2003)

O processo da *Reciclagem* inicia-se com a seleção de resíduos, através de meios manuais e mecânicos e é o resultado de uma série de atividades através das quais materiais que se tornaram lixo, ou estão no lixo, são desviados, sendo coletados, separados e processados para serem usados como matéria-prima na manufatura de bens, feitos anteriormente apenas com matéria-prima virgem. (IPT, 1995)

Para Miotto, (2003) a reciclagem parte de um mecanismo de mercado, em que o discurso sobre cidadania e meio ambiente mistura-se com perfeição a ações de redução de custos pelas empresas que utilizam a reciclagem de materiais.

Em reportagem apresentada pela TV Globo, no dia 17 de setembro de 2004, em edição do Globo Repórter, numa matéria especial sobre o lixo, pessoas como a sra. Selma e Eliana Sarti falam com orgulho de seu trabalho como catadoras:

Eu não ganho milhões, mas eu não pretendo sair da reciclagem porque nesses anos todos eu era uma pessoa vazia. Aí fiquei sabendo da crise que vários países passaram com epidemias, o porquê das guerras. Foi por causa da reciclagem que eu me sinto

agora uma pessoa mais culta, mesmo sem ter faculdade, confessa Eliane. Ela recolhe quase uma tonelada de jornais por mês. E uma quantidade incalculável de orgulho. "Quando eu soube que é a reciclagem do papel, do jornal, que vai evitar que derrubem árvore, e que os livros também são feitos sem precisar derrubar uma árvore, eu me sinto o ser humano mais importante da face da terra".

Neste contexto, a reciclagem, hoje, após a preocupação com os problemas ambientais, se apresenta como uma das soluções mais abrangentes para enfrentar a questão do lixo, uma vez que é vista como uma proposta capaz de diminuir a quantidade de resíduos jogados no ambiente, diminuir a exploração dos recursos naturais, criar empregos e gerar lucros, adequando-se, assim, à ordem econômica vigente.

Contudo, esta visão não é hegemônica. Para alguns autores, a reciclagem é também tida como um dos grandes problemas, que, ao invés de resolver a questão do tratamento do lixo nas grandes cidades, estimula a geração de resíduos, contribuindo para a degradação ambiental e segregação social.

Para Miotto (2003) e Fernandes (2005), a figura do catador, que representava o último estágio de degradação humana, assumiu outro significado na sociedade atual. Embora ainda manifestem a imagem de desvalidos, os catadores passaram a ocupar um espaço privilegiado no discurso sócio-ambiental. De personagens *indesejáveis*, tornaram-se *heróis* que compõem um verdadeiro *exército* da limpeza nas cidades, à medida que lutam por sua sobrevivência.

Assim, partimos do pressuposto de que uma categoria que sempre esteve à margem da sociedade, inclusive vista por alguns como escória social, ganha importância com o anúncio da crise ambiental, com o surgimento dos programas de reciclagem, sendo inserida na cadeia produtiva dos materiais reciclados, nos discursos de organizações ambientalistas e de governantes, que chega a considerar os catadores como agentes ambientais, colaboradores direto dos sistemas de reaproveitamento e reciclagem de materiais, sendo reconhecidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego como uma categoria profissional, comprovadamente institucionalizada.

A figura do catador de lixo, embora ainda carregue a imagem de desvalido, assumiu outro significado na sociedade atual, passando a ocupar um espaço privilegiado no discurso sócio-ambiental, aparecendo, com frequência, na mídia, como o exemplo acima citado, funcionando como elemento de reforço do discurso de ambientalistas, governos e empresários, os quais re-significam a atividade de catação de lixo.

No Brasil, afirma Raquel Gonçalves (2005), os sinais de desestruturação do mercado de trabalho são acentuados. Os catadores de lixo, atores de longa data no cenário brasileiro, agora, com novas características e especificidades, passam a ser parte integrante da cadeia produtiva da reciclagem no país.

A cadeia produtiva da reciclagem é constituída pelo *produto*, alvo de marketing que estimula seu *consumo* em elevada escala. Do *consumo*, temos o

descarte, sendo o material descartável visto como desejável, adequado, pois pode ser reciclado. Do *descarte*, produz-se o *lixo*, que, tem parte de seu conteúdo retirado pelos *catadores*, indo o restante para o “lixão” ou “aterros sanitários”, onde outros *catadores* garimpam o material reciclável em meio ao lixo *in natura*. O material coletado, tanto nas ruas quanto no lixão e/ou aterros, é vendido para *atravessadores*, que por sua vez, o revendem às indústrias de reciclagem do país.

(...) ainda que os catadores exerçam uma atividade em princípio formalmente não integrada ao sistema de acumulação capitalista, essa mesma atividade é realizada à base da pura força de trabalho, remunerada a níveis baixíssimos e que transfere permanentemente para as atividades da rede capitalista organizada todo o seu valor financeiro. O próprio processo do capital cria e recria relações de exploração do trabalho que não são relações tipicamente capitalistas, ocorrendo a apropriação da miséria com o objetivo de torná-la rentável. (GONÇALVES, 2005:95)

Assim, salienta a autora, não se pode considerar que os catadores são supérfluos do ponto de vista da acumulação global, porque vivem dos restos da sociedade. Eles se encontram integrados à economia, ainda que pela via mais perversa do trabalho informal.

Embora a reciclagem do lixo seja um negócio economicamente rentável, o ciclo de comercialização tem se conservado à margem da legalidade, fazendo com que o trabalho dos catadores seja o elo inicial de uma engrenagem econômica, que se reproduz em condições de marginalidade, na ausência quase absoluta de direitos trabalhistas e na compra de mercadorias por parte dos intermediários e das fábricas de modo informal. (GONÇALVES, 2005: 95)

Assim, conforme esta autora, os catadores de materiais recicláveis são parte fundamental da cadeia produtiva da reciclagem, ainda que de forma marginalizada

pelos atores econômicos e governamentais. Contraditoriamente ao enquadramento na categoria de excluído, que pressupõe a não-utilidade, os catadores são trabalhadores úteis, dos quais ainda é possível a extração de mais-valia. Eles vivem um processo de exclusão social, embora estejam incluídos na cadeia de produção dos recicláveis. Suas vidas são permeadas por zonas de vulnerabilidade, fragilidade e precariedade. Esta conclusão é ratificada na nossa pesquisa quando verificamos as condições de vida e trabalho dos catadores de lixo de Maceió.

Ainda no dizer de Gonçalves (2005), a categoria exclusão social tornou-se recorrente no meio acadêmico e governamental, sinalizando o destino excludente de parcelas da população, seja pelas restrições impostas pelas transformações do mundo do trabalho, seja por situações decorrentes de modelos e estruturas econômicas que geram desigualdades sociais.

Martins (2003:32) vai mais longe e reflete nosso entendimento, quando considera que, é próprio desta lógica de exclusão a inclusão. “A sociedade capitalista desenraiza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica”.

Martins (2003), fala de um período de passagem do momento da exclusão para o momento da inclusão. Diz ele que este momento está se transformando num modo de vida está se tornando mais do que um período transitório, está se transformando num novo modo de vida do excluído que não consegue ser reincluído, criando assim uma nova forma de inclusão que se dá no plano

econômico: a pessoa consegue ganhar alguma coisa para sobreviver, mas não se dá no plano social.

A nossa sociedade considera Martins (2003), está se transformando numa sociedade dupla, duas “humanidades” na mesma sociedade. Ou como escreveu Fernandes (2005) apontamentos de aula:

Parece que estamos construindo dois tipos de homens, aquele que faz parte do convívio social e aquele que nos amedronta, que nos incomoda, que repugnamos. Estes estão em todos os lugares, nos faróis pedindo, vendendo, lavando o vidro dos nossos carros sem nosso consentimento, revirando nossos lixos, sem que saibamos que estes que nos incomodam são resultado da mesma sociedade. Parece quase “natural” que uns produzam lixo e luxo e outros vivam dos restos.

Nas ruas, os resíduos sólidos das casas e apartamentos, que são acondicionados em sacos plásticos, são depositados nas lixeiras localizadas nas calçadas em frente aos prédios. A maioria destas lixeiras, principalmente as que pertencem aos prédios, são fechadas por cadeados para que seu conteúdo não seja “revirado” pelos catadores e, abertas – pelos porteiros dos prédios – apenas nos horários marcados para passar o caminhão do lixo, o que faz com que os catadores andem atrás destes caminhões e disputem, entre eles, e com os garis, o lixo que está nas lixeiras.



Foto 3 – Lixeiras utilizadas nos prédios e condomínios da cidade de Maceió.

Fonte - o autor, 2006.

Na Cidade de Maceió, como nas demais cidades brasileiras, para nos livrarmos do incômodo que os catadores trazem quando estão em busca do material que tem valor na cadeia produtiva da reciclagem, adotamos os meios mais fáceis, construímos “belas lixeiras”, como se pode ver na foto acima, e trancamos com cadeados. Contudo, os catadores de lixo não desistem. E para ter acesso a essa rica fonte⁹, em “romaria” acompanham o “carro do lixo”. Neste instante, contam com a solidariedade dos garis que fazem a coleta, no momento da abertura das lixeiras.

⁹ Estas lixeiras são bastante procuradas pelos catadores, haja vista, que se trata do mais rico lixo produzido na cidade. É o lixo da população que tem maior renda *per capita* de Maceió que está em torno de quatro mil e quinhentos reais.



Foto 4 – Caminhão coletor de lixo na cidade de Maceió, seguido pelos catadores
 Fonte: o autor, 2005.



Foto 5- catador retirando material da lixeira antes da chegada do caminhão de lixo
Fonte: o autor, 2005.

Até o ano de 2005, no bairro de Ponta Verde, o “carro” passava durante o dia, “era melhor para nós”, assevera um catador, “agora ele passa à noite e fica mais difícil”. Quando conseguem ter acesso às lixeiras, os catadores garimpam e coletam com as próprias mãos os materiais que estão misturados no lixo. Convivem com o mau cheiro que exala do lixo acumulado, com moscas, baratas, restos de alimentos apodrecidos e até materiais perigosos como seringas, vidros quebrados, e outros,

estando assim à mercê do risco de contrair doenças, se acidentarem e se contaminarem. Alimentam-se, muitas vezes, de restos de comida encontradas no lixo.

Ainda segundo Fernandes (2005) e Martins (2003), nossa sociedade pode ser compreendida da seguinte forma. Uma parte tem o que vender e o que comprar, tem direitos reconhecidos, têm um lugar assegurado no sistema de relações econômicas, sociais e políticas. E uma outra subumana: incorporada através do trabalho precário.

Está se criando de novo no mundo uma espécie de sociedade de tipo feudal: as pessoas estão separadas por estamentos, categorias sociais rígidas que não oferecem alternativas de saída. O estamento dos excluídos reproduz, degradadas, as formas próprias, conspícuas, do outro estamento; o tênis de qualidade inferior do adolescente pobre reproduz o tênis sofisticado do adolescente rico. Faz do mundo do excluído um mundo mimético (MARTINS, 2003:36).

Wanderley (2004) lembra que mendigos, pedintes, vagabundos e marginais povoaram historicamente os espaços sociais, constituindo universos estigmatizados que atravessaram séculos. No entanto, diz ela, a exclusão contemporânea é diferente das formas existentes anteriormente de discriminação ou mesmo de segregação, uma vez que tende a criar, internacionalmente, indivíduos inteiramente desnecessários ao universo produtivo, para os quais parece não haver mais possibilidades de inserção.

Essa “naturalização” das desigualdades sociais se explica pelas mudanças que ocorreram no momento em que o modelo liberal, cuja lógica é o domínio de

todas as áreas, inclusive da assistência, passou a ser regida pelas leis de mercado ou modelada pela sua concepção política.

Nesta nova fase da história social contemporânea, com o surgimento das Organizações Não Governamentais, que tomaram para si, a responsabilidade de implementar as políticas públicas, o Estado deixa de ser a principal instância, responsável pela política social. Neste contexto, surge a noção de desenvolvimento local cuja finalidade é induzir as comunidades pobres a se desenvolverem a partir de “suas próprias forças”.

As organizações e os intelectuais que até a década de 80 estavam empenhados em fortalecer os movimentos sociais, em vista a assegurar direitos dos cidadãos, passaram, eles mesmos, a proporem ações, com suas intervenções para atenuar as condições de misérias a que está submetida a maioria dos grupos sociais das regiões periféricas. Em todos os projetos, as populações pobres incluídas nesse modelo de política social são chamadas a ir ao mercado financeiro, através da denominada política de micro-créditos.

Os pobres agora, segundo essa concepção, não podem mais esperar pela ação do Estado que deveria intervir inclusive distribuindo renda. Sem emprego eles devem ser responsáveis pela sua própria renda, quer seja se organizando em associações ou cooperativas, quer seja através de empreendedorismo, ou seja, da sua capacidade individual de encontrar respostas econômicas para sua reprodução social e de sua família. (FERNANDES, 2005)

Esse modelo, na ótica desta autora, está muito bem explicitado no livro denominado *O Fim da Pobreza*, de autoria do assessor da ONU. Neste trabalho, o autor profetiza “os pobres com nossa ajuda vão encontrar suas próprias alternativas para sair da pobreza”.

Segundo Netto (2001), a individualização dos problemas sociais é um elemento constante no enfrentamento da questão social, o que permite transferir a proposta de resolução destes problemas para a modificação e/ou redefinição de características pessoais do indivíduo. Do ponto de vista do sujeito, a individualização compensa o espaço de realização autônoma que lhe foi subtraído, uma vez que demandando o atendimento dos “serviços”, que as instituições sociais lhe oferece, o indivíduo obtém uma “fórmula” para buscar sua inserção social, o que parece propiciar-lhe um vínculo societário.

Transferindo para o sujeito a responsabilidade pela sua integração social o que se consagra é a impotência dos sujeitos e protagonistas sociais em face dos rumos do desenvolvimento da sociedade. No domínio do mercado existem, naturalmente, ganhadores e perdedores, fortes e fracos, os que pertencem e os que ficam de fora.

Segundo Fernandes (2005), os Fóruns dos catadores e as cooperativas seguem essa filosofia. Não há mais espaço para uma luta, que seja capaz de alterar as condições subumanas dos catadores. Grande parte dos intelectuais das ciências humanas e movimentos sociais, em sua maioria, renderam-se a essa política,

embora essa ideologia não esteja expressa no discurso desses agentes, quer seja de indivíduos ou organizações. O que se observa é que o tema da mudança, de superação das desigualdades sociais, da busca da cidadania, geralmente faz parte da retórica dos mediadores dos “projetos sociais”. No nosso entender, essa visão envolve o movimento dos catadores de lixo no Brasil.

CAPÍTULO 3

A ORGANIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOS CATADORES DE LIXO

A organização e profissionalização dos catadores de lixo

A categoria dos catadores foi incluída, através da portaria 397 de 09 de outubro de 2002, na Classificação Brasileira de Ocupação – CBO – do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), sob o código 5192 - 05 – Catadores de Materiais Recicláveis.

Sua **Descrição sumária** diz que catadores são aqueles que: catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis. **Condições gerais de exercício:** O trabalho é exercido por profissionais que se organizam de forma autônoma ou em cooperativas. Trabalham para venda de materiais a empresas ou cooperativas de reciclagem. O trabalho é exercido a céu aberto, em horários variados. O trabalhador é exposto a variações climáticas, a riscos de acidente na manipulação do material, a acidentes de trânsito e, muitas vezes, à violência urbana. Nas cooperativas surgem especializações do trabalho que tendem a aumentar o número de postos, como os de separador, triador e enfardador de sucatas. **Formação e experiência:** O acesso ao trabalho é livre, sem exigência de escolaridade ou formação profissional. As cooperativas de trabalhadores ministram vários tipos de treinamento a seus cooperados, tais como cursos de segurança no trabalho, meio ambiente, dentre outros.

A formação de cooperativas de reciclagem de lixo vem sendo estimulada por órgãos governamentais, amparados por projetos de assistência social das instituições religiosas, setor privado, ONGs, etc. , com o objetivo de gerar renda aos catadores, pessoas excluídas do mercado formal de trabalho. No entanto, os “empresários” destas cooperativas, vivem um paradoxo da modernidade, visto que, sendo cooperativados, são ou deveriam ser seus próprios patrões, mas ao mesmo

tempo encontram-se em um ambiente de precariedade das relações e condições do trabalho, explorados pela própria cooperativa, que os coloca a serviço de outrem (CONCEIÇÃO, 2003).

No atual governo, também foi criada, no Ministério do Trabalho, uma Secretaria de Economia Solidária, que definiu as Cooperativas de Catadores como um dos quatro setores prioritários de apoio ao desenvolvimento¹⁰.

A história do Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável é recente. Surge através da Missão Urbana e Rural com o apoio do Fórum Nacional de Estudos Sobre a População de Rua¹¹.

O primeiro contato com as entidades que, hoje, formam o Fórum com os trabalhadores que tiram seus sustentos das ruas foi feito, no final dos anos 80,

¹⁰ A SENAES- Secretaria Nacional de Economia Solidária, foi criada com a publicação da Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003 e instituída pelo Decreto nº 4.764, de 24 de junho de 2003. Ela é parte da história de mobilização e articulação do movimento da economia solidária existente no país. No ano de 2004, a SENAES teve o desafio de implementar o Programa Economia Solidária em Desenvolvimento e institucionalizar os procedimentos de execução de suas políticas e dos recursos orçamentários disponíveis. No plano de ação para 2004, um dos pontos prioritários é o apoio para a organização e desenvolvimento de cooperativas atuantes com resíduos sólidos. Na esfera federal, os diversos órgãos envolvidos com a questão – Ministérios das Cidades, Ministério do Meio Ambiente-MMA, Fundação Nacional de Saúde/Ministério da Saúde - FUNASA/MS mantêm recursos especificamente voltados para a erradicação dos lixões e implementação de soluções ambientalmente seguras para o destino final dos resíduos sólidos urbanos – aterros sanitários ou controlados, nos municípios que aderiram ao programa “Lixo e Cidadania”. Disponível em: <http://www.mtb.gov.br/Empregador/EconomiaSolidaria/Conteudo/planodeacao.pdf>.

¹¹ Missão Urbana e Rural – MUR- criada em 1969, é um programa de Comunidade e Justiça na Comissão de Missão e Evangelismo, que trata de facilitar a organização das comunidades para seu fortalecimento e transformação; o desafio das estruturas injustas; escutando aos que têm sido empobrecidos assim como suas críticas às estruturas das igrejas e seu uso do poder; e a promoção de temas de justiça. MUR- é um movimento de mulheres e homens enraizados na fé cristã que são chamados, junto com outros, à missão de Deus de participar na luta dos explorados, marginalizados e oprimidos para a justiça e a libertação, o sofrimento, a luta e a fé em Deus. Além, de intervir em situações concretas de sofrimento e luta, - pelo procedimento básico de facilitar a organização de grupos e comunidades locais para fomentar a autoestima e a dignidade, sobretudo nos últimos dez anos, MUR tem se dedicado profundamente numa maior reflexão bíblica, teológica e missiológica a fim de desafiar concepções e práticas tradicionais de Missão

quando as irmãs Oblatas Beneditinas, reunidas em torno da Organização do Auxílio Fraternal (OAF)¹², de São Paulo, e da Pastoral de Rua de Belo Horizonte, buscavam novas formas de trabalhar com a população excluída das duas capitais.

Atuaram primeiramente em São Paulo, tendo como fruto a criação da COOPAMARE (Cooperativa de Materiais Recicláveis)¹³ mantendo-se fieis à proposta de apoiar um movimento da periferia. Nas reuniões, nas ruas das grandes cidades, discutiam o modelo social de participação e resgate de vidas de quem, por repetidas vezes, passou por situações de perda até irem parar debaixo dos viadutos.

Este modelo de organização dos moradores de rua possibilitou, no final dos anos 80, a implantação em Belo Horizonte, da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (ASMARE)¹⁴. A entidade se tornou um importante espaço de trabalho e vitrine para a atuação do catador como trabalhador da limpeza urbana e agente ambiental.

¹² A Organização do Auxílio Fraternal (OAF) foi fundada em outubro de 1958, quando a advogada católica Dalva Matos cria um abrigo para crianças abandonadas e mães solteiras. Adota medidas que levam as crianças, adolescentes e jovens assistidos a transitar da condição passiva de sujeitos a agentes de seus próprios processos educativos. Hoje, sob a coordenação do padre italiano jesuíta Clodoveo Piazza, é composta de diversas unidades que desenvolvem diferentes atividades no campo da educação de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social. Tem como finalidade planejar, fomentar, apoiar, participar e executar projetos e atividades nas áreas de assistência social, educação, cultura, ação comunitária, saúde e preservação do meio ambiente, competindo-lhe:(...) Promover, participar e realizar ações de preservação do meio ambiente, contribuindo para disseminar a idéia de desenvolvimento sustentável. (...)

¹³ Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis - surgiu em 1989 de um projeto de auxílio a moradores de rua realizado pela OAF. A primeira atividade programada pela organização foi uma festa, chamada de "Missão" - um evento de manifestação e protesto reivindicando os direitos dos moradores de rua.

¹⁴ ASMARE – Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte- nasceu em 1988, como um pequeno grupo de moradores de rua, se tornando uma associação oficial de catadores de lixo e moradores de rua em 1990, com o apoio da Pastoral de Rua- O lixo, matéria-prima reciclável, torna-se objeto de trabalho e capital da associação. Em 1993, a gestão municipal opta, ao implantar a coleta seletiva na cidade, por estabelecer uma parceria com catadores, reconhecendo-os como agentes ambientais prioritários na execução desta política. Hoje, a ASMARE tem cerca de 380 associados e beneficia, indiretamente, mais de 1500 pessoas.

O Fórum Nacional de Estudos Sobre a População de Rua, criado, oficialmente, em 1992, em parceria com a UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, a CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a CÁRITAS, procurou dar visibilidade ao fenômeno social da população de rua, apoiando experiências organizativas e promovendo encontros e seminários nacionais de moradores de rua e catadores de papel (FREI BETTO, s.d.) Ao articular e divulgar alternativas de vida e cidadania para pessoas excluídas do direito básico ao trabalho e à moradia, o Fórum foi o ponto de partida para o Movimento dos Catadores. Neste período outras entidades passaram a integrar o Fórum, fortalecendo o movimento e permitindo uma articulação de norte a sul, através de um mapeamento entre as entidades integradoras do Fórum.

Em junho de 1998, um ano antes do lançamento da campanha "Criança no lixo nunca mais", foi criado o Fórum Nacional Lixo & Cidadania. Este Fórum é o encontro de órgãos governamentais, ONGs, entidades técnicas e religiosas que atuam em áreas relacionadas à gestão do lixo urbano e na área social. São mais de 40 entidades que se comprometeram com a implantação do Programa Nacional Lixo & Cidadania, que tem como objetivos: a erradicação do trabalho infanto-juvenil nos lixões, propiciando a inclusão social, com cidadania, das crianças que trabalham no lixo; a geração de renda para as famílias de catadores, prioritariamente na coleta seletiva; e a mudança radical da destinação final de lixo, acabando definitivamente com os lixões no Brasil¹⁵.

¹⁵ Disponível em: http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadaniaforum/fn_index.htm

O papel do referido Fórum é favorecer a discussão e a apresentação de soluções para os problemas. Prevê a articulação de uma rede de programas e projetos e o direcionamento de novas ações que concorram para o alcance dos objetivos do Programa, interferindo nas políticas nacionais¹⁶.

O enfoque específico na criança, aliado à neutralidade e credibilidade do UNICEF, tem um forte poder agregador, que tem facilitado a colaboração e a união entre as várias áreas governamentais¹⁷.

Em meados de 1999, com o primeiro Encontro Nacional de Catadores de Papel, surgiu o Movimento Nacional dos Catadores (as) de Rua (MNCR)¹⁸.

O Movimento Nacional dos Catadores de Rua – MNCR é um movimento social que procura organizar os catadores e catadoras de materiais recicláveis pelo Brasil afora, buscando a valorização da categoria de catador.

O objetivo do MNCR é garantir o protagonismo popular da classe, que é oprimida pelas estruturas do sistema social (segundo o próprio Movimento). Tem por princípio garantir a independência de classe, que dispensa a fala de partidos políticos, governos e empresários em nome dos catadores. Acredita na prática da ação direta popular, que é a participação efetiva do trabalhador em tudo que envolve sua vida, algo que rompe com a indiferença do povo e abre caminho para a

¹⁶ Disponível em: http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadaniaforum/fn_index.htm

¹⁷ Disponível em: http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadaniaforum/fn_index.htm

¹⁸ Disponível em: http://www.mnccr.org.br/sua_historia.aspx

transformação da sociedade. Luta contra a exploração buscando a liberdade. Luta pela autogestão do trabalho do catador e o controle da cadeia produtiva de reciclagem, garantindo que o serviço realizado pelo catador não seja utilizado em benefício de alguns poucos (os exploradores), mas que sirva a todos. Nesse sentido organiza bases orgânicas do Movimento em cooperativas, associações, entrepostos e grupos, nas quais ninguém pode ser beneficiado à custa do trabalho do outro¹⁹.

Todo esse processo de organização levou a realização do I Encontro Nacional dos Catadores de Material Reciclável, realizado em Brasília nos dias 4, 5 e 6 de junho de 2001, com a participação de 1.600 pessoas entre catadores, técnicos e agentes sociais de 17 Estados brasileiros. Por ocasião da realização deste encontro, no dia seguinte, como forma de ampliação das reivindicações, foi realizada uma marcha denominada: I Marcha Nacional da População de Rua, com a participação de 3.000 pessoas que tomaram as ruas de Brasília. Das muitas reivindicações, os temas que fundamentaram as discussões deste primeiro encontro como também da “Marcha”, foram: o reconhecimento da profissão; disponibilidade de linhas de financiamento para a categoria e a aplicação, em nível nacional, de uma política de coleta seletiva que privilegie as associações e cooperativas de catadores e a criação de mecanismos tributários visando aumentar a indústria da reciclagem no Brasil (GONÇALVES, 2003).

Neste encontro é lançada a Carta de Brasília, documento que expressa as necessidades do povo que sobrevive da coleta de materiais recicláveis.

¹⁹ Disponível em: http://www.mncr.org.br/sua_historia.aspx

Uma das reivindicações da carta é atendida, e em 2002, a categoria dos catadores foi incluída, na Classificação Brasileira de Ocupação - CBO – do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), sob o código 5192 - 05 – Catadores de Materiais Recicláveis.

No ano de 2003 acontece o 1º Congresso Latino-americano de Catadores em Caxias do Sul – RS, que reuniu catadores (as) de diversos países. O Congresso divulga então a Carta de Caxias que difunde a situação dos catadores da América Latina unificando a luta entre os países. Nesse momento o MNCR começa a mostrar sua força nacionalmente com as articulações regionais. Muitas lutas foram travadas em todo o Brasil e muitas conquistas alcançadas (GONÇALVES, 2003).

Como resultado da Carta de Caxias do Sul, no dia 11 de setembro de 2003, por determinação do Presidente da República foi criado o Comitê Interministerial de Inclusão Social dos Catadores de Lixo, publicado no Diário Oficial da União no dia seguinte de sua criação. O principal objetivo do Comitê é a formação de um projeto de combate à fome, no âmbito do Programa Fome Zero, associado à Inclusão Social dos Catadores e à Erradicação dos Lixões (*Ibid*).

Em 2005 ocorreu o 2º Congresso Latino – Americano de Catadores (as), após cerca de quatro anos de luta, onde os catadores (as) do Brasil têm sua

problemática discutida em diversos espaços e sua voz ampliada no Movimento Nacional dos Catadores²⁰.

Representantes de Fóruns Lixo e Cidadania de diversos estados do Brasil e inúmeras pessoas interessadas na solução dos problemas ocasionados pelo descarte inadequado do lixo estiveram reunidos no dia 28 de janeiro, de 2005, no Encontro Lixo e Cidadania, do V Fórum Social Mundial, promovendo a troca de experiências a partir da apresentação de projetos em funcionamento²¹.

No dia 30 de janeiro, ainda no V Fórum Social Mundial, a Oficina de Implantação de Fóruns Municipais Lixo e Cidadania difundiu ações e articulações a serem executadas nos municípios para que, a partir da união dos diferentes atores sociais, seja implantado o gerenciamento adequado dos resíduos sólidos. Esses encaminhamentos têm como objetivo retirar as crianças do lixo, implantar ou ampliar os sistemas de coleta seletiva - em parceria com os catadores de materiais recicláveis - e erradicar os lixões. Várias propostas foram apresentadas, divididas em quatro grupos, abaixo sistematizadas²²:

1) EDUCAÇÃO AMBIENTAL: estimular a criação de Fóruns Lixo e Cidadania organizando uma rede via Internet, para facilitar o contato e a troca de informações. Observar e implementar os princípios da agenda 21 global e brasileira nos Fóruns Lixo e Cidadania.

²⁰ Disponível em: http://www.mncr.org.br/sua_historia.aspx

²¹ Disponível em: <http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadania/index.htm>

Solicitar dos órgãos públicos a participação nos Fóruns Lixo Cidadania e a implantação da Agenda Ambiental na Administração Pública, evitando o desperdício, promovendo o uso eficiente dos recursos naturais, materiais, financeiros e humanos.

Sensibilizar a sociedade civil quanto à importância de assumir sua responsabilidade na gestão dos resíduos sólidos, difundindo a necessidade de repensar os padrões de consumo, reduzir, reutilizar, compostar e reciclar. Incentivar a separação do lixo na origem, através de uma campanha de mobilização, utilizando diferentes manifestações artísticas e mídias, incluindo os catadores neste processo, em parceria com supermercados, escolas, rádios comunitárias e outros meios de comunicação, promovendo uma mudança cultural: Separar o lixo é Legal!

2) CATADORES: incentivar a organização dos catadores de materiais recicláveis, em associações ou cooperativas. Promover a inclusão social destes trabalhadores, em parceria com a Prefeitura Municipal, constitucionalmente responsável pela gestão dos resíduos sólidos. Viabilizar recursos, através de linhas de crédito, para a realização de cursos de formação visando o treinamento, valorização e comercialização dos produtos. Estimular a auto gestão e avançar na neutralização dos atravessadores, através de bolsas de cotação municipais de resíduos sólidos e a utilização de tecnologias para agregar valor aos recicláveis.

3) LEGISLAÇÃO: responsabilizar os geradores de resíduos quanto ao destino final de seus produtos. Cobrar das indústrias a confecção de produtos

²²Disponível em: <http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadania/index.htm>

potencialmente recicláveis, identificando os materiais utilizados e eliminando, gradualmente, os produtos tóxicos. Isentar impostos das cooperativas de catadores na venda dos resíduos recicláveis. Cobrar do poder público municipal o repasse de recursos às cooperativas de catadores, proporcional à quantidade de recicláveis que deixam de ir para os aterros sanitários, e a potencialização de ações para elevar a escolaridade e a saúde destes homens e mulheres, agentes econômicos e ambientais.

Incitar o governo federal para que crie e execute um programa de formação e capacitação de técnicos e organizadores de quadros sociais na geração de trabalho e renda, a partir da coleta seletiva. Cobrar dos diferentes órgãos públicos e de toda a sociedade a participação nos programas de coleta seletiva: Separar o lixo é Legal!

4) ARTICULAÇÃO: participar da discussão sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Apoiar os municípios na apresentação de projetos de gestão dos resíduos sólidos para participar de financiamentos do governo federal e fomentar o controle social na sua implementação. Realizar encontros estaduais para incentivar a criação de Fóruns Municipais.

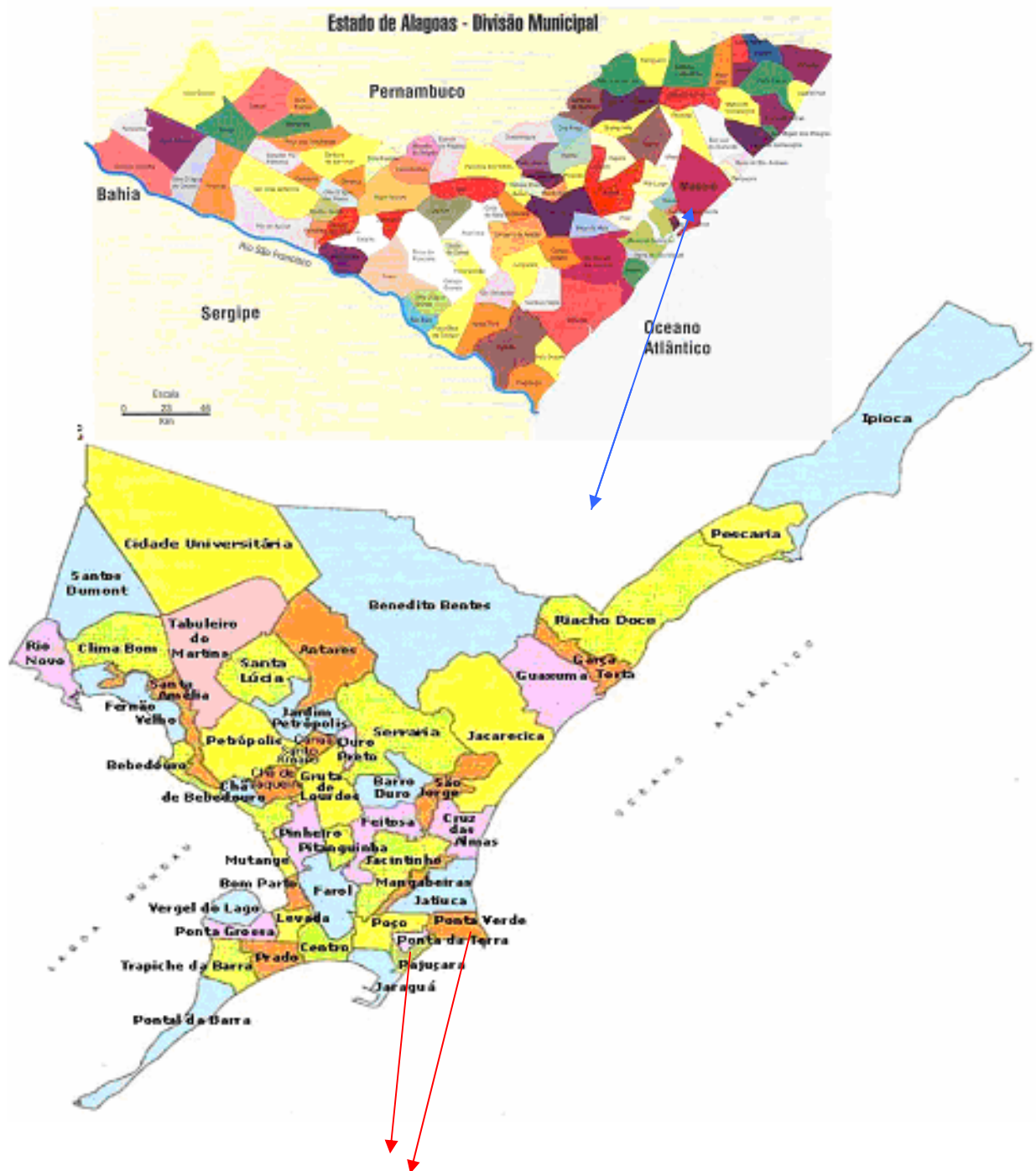
A organização e profissionalização dos catadores de lixo passou a ser meta de governo e objetivo de ONGs, intelectuais, empresários da reciclagem e outros. Nas capitais brasileiras, está em curso a indução à formação de cooperativas. Muitas prefeituras que mudaram suas políticas de limpeza pública, terceirizando por

completo a coleta do lixo, ao deixarem um número significativo de garis sem emprego, como foi o caso de Maceió, terminam encontrando nas cooperativas uma forma de atenuar a pressão dos seus ex-empregados.

No texto a seguir, discutiremos o nível de organização e profissionalização dos catadores de Maceió. Na primeira parte, discutimos a inserção dos movimentos de catadores no Estado de Alagoas, níveis de participação, objetivos e metas dos encontros realizados nas cidades. A formação de cooperativas também é analisada neste trabalho. Na verdade, nossa perspectiva aqui é perceber os níveis de organização de profissionalização dos catadores de lixo de Maceió. Antes, porém, fazemos uma síntese das condições sócio-econômica da cidade, com o fito de explicitar os problemas que envolvem a cidade e o lixo.

A CIDADE E O LIXO

O lixo em Maceió



Bairros onde foram acompanhados os catadores

Mapa 1 – Estado de Alagoas e sua capital Maceió

Fonte- Disponível em: <<http://www.geocities.com/Hollywood/Chateau/2931/pmapa.html>>

Maceió, a capital do Estado de Alagoas, está localizada em um ambiente totalmente litorâneo, entre coqueiros, mangues e o mar. Possui 884.320 habitantes (IBGE, 2004), em uma área de 511 Km².

Um sociólogo alagoano definiu Maceió, fazendo analogia, quando afirmou que a cidade é uma ilha de riqueza cercada de pobreza por todos os lados. Alguns dados sobre a realidade sócio-ecomômica da capital do Estado de Alagoas permitem compreender melhor a sua visão. Vejamos alguns números sobre analfabetismo em Maceió: segundo dados do IBGE, 13% da população com mais de 10 anos de idade (total de 81.349 pessoas) nunca estiveram na escola ou freqüentaram menos de um ano escolar. Aqueles que estiveram na escola por apenas três anos somam 19% da população, totalizando 119.668 moradores da cidade. A renda dos habitantes da nossa cidade se comporta da seguinte forma: 18% da população ganham menos de um salário mínimo, num total de 115.041 pessoas. Aqueles com renda entre um a dois salários mínimos somam 14%, o que equivale a 89.506 habitantes. Somente 2,8% têm renda superior a 20 salários mínimos, ou seja, 18.098 pessoas. Enquanto 1,8%, isto é, 11.462 habitantes ganham mais de 20 salários mínimos, em média (IBGE, 2006)²³.

A situação das famílias catadoras de lixo que moram nos prédios abandonados na Ponta Verde é a mesma de centenas de alagoanos. Estima-se que o déficit habitacional, só em Maceió, seja de 80 mil moradias. A única certeza, tanto dos órgãos oficiais quanto dos movimentos populares, é de que eles são muitos e que a maioria migra do interior para a capital buscando oportunidades. Outra certeza

é de que Alagoas está entre os oito Estados brasileiros com mais graves problemas sociais.

A cidade tem, hoje, 126 favelas, sendo que 76 são grotas e 30 de alto risco social. Além disso, são 26 áreas de ocupação "ilegal". Os locais servem para abrigar cerca de 300 mil famílias. Uma das coordenadoras da Defesa Civil do Município, Maria Auxiliadora Menezes, declarou "que a única solução seria humanizar estas grotas". Já para o secretário municipal de Habitação, Claudionor Araújo, só com a junção do Poder Executivo Municipal, Estadual e Federal é que se poderá encontrar caminhos para solucionar o problema (O JORNAL, 2006)²⁴.

Nestas áreas o serviço de limpeza pública é bastante deficitário. Diferente dos bairros nobres da cidade – Ponta Verde, Jatiúca, Pajuçara – onde o carro coletor de lixo passa diariamente, nos bairros periféricos a coleta de lixo, geralmente, é feita uma ou duas vezes por semana. As grotas, inclusive, que não são poucas, estão excluídas deste serviço. O ícone do problema do lixo na cidade de Maceió é o Riacho Salgadinho (Vale do Reginaldo). Este riacho atravessa toda a cidade e deságua no mar carregando grande parte do lixo da cidade. As fotos abaixo revelam, sem que nenhuma palavra seja dita, a problemática do saneamento e da limpeza pública na Capital de Alagoas.

²³ Disponível em: <www.ibge.gov.br>

²⁴ Disponível em: <<http://www.ojornal-al.com.br/31082003/cidade06.htm>>



Foto 6 - lixo na periferia de Maceio
Fonte: o autor, 2006.



Foto 7 – criança brinca com lixo na porta
de sua casa
Fonte: o autor, 2006.



Foto 8 – o lixo na periferia de Maceió
Fonte: o autor, 2006.



Foto 9 – Riacho Salgadinho
Fonte: o autor, 2006.

Layargues (2002) afirma, de acordo com dados do Instituto Virtual de Educação Para Reciclagem, que a reciclagem de latas de alumínio não é significativa para alongar a vida útil dos depósitos de lixo e que a contribuição para a economia de bauxita representa algo em torno de 0,02% do que é extraído no País. Na cidade de Maceió, a produção está em torno de 1.100 toneladas/lixo/dia.

De acordo com o Código de Limpeza Urbana, lei 4.301/94, em seu artigo 4º, era incumbência da COBEL – Companhia Beneficiadora de Lixo - o cumprimento das normas específicas ao tratamento do tema. Atualmente, o sistema de limpeza de Maceió é fiscalizado pela Superintendência de Limpeza Urbana (SLUM) que integra a administração indireta do município, sendo uma entidade autárquica com

personalidade jurídica de direito público interno, vinculada à Secretaria Municipal da Infra-Estrutura.

Segundo Relatório produzido pelo Grupo de Trabalho encarregado de elaborar uma proposta para Gerenciamento Integrado para a Transferência e Destino Final dos Resíduos sólidos de Maceió²⁵, a deposição de resíduos sólidos de Maceió, na área que atualmente é o vazadouro de Cruz das Almas, teve início no final da década de 30, quando foram implantados em 20 cidades brasileiras, entre as quais Maceió, os primeiros sistemas de compostagem²⁶, desenvolvido em 1922, por Giovanni Beccari, Florença, Itália.

Na década de 30, os resíduos gerados eram basicamente orgânicos, o que fez com que esse sistema fosse eficiente e atendesse a demanda do município. O método funcionou durante três décadas, tendo sido abandonado gradativamente devido ao crescimento e a mudança de hábitos da população maceioense, que implicou no aumento do volume e na mudança da composição dos resíduos gerados que passaram a ter menos matéria orgânica e resíduos de difícil degradação, fazendo com que o sistema se tornasse impróprio e fosse desativado definitivamente em 1967.

²⁵ O Relatório foi produzido por um grupo de professores da UFAL contratado pela Prefeitura Municipal de Maceió cujo objetivo principal era indicar uma nova área para depósito do lixo, tendo em vista que o local onde a prefeitura deposita o lixo urbano, além de não comportar a quantidade de resíduos sólidos produzidos na cidade, este fica situado à beira mar, hoje uma área bastante valorizada com a especulação imobiliária.

²⁶ A compostagem é um processo biológico, através do qual os microrganismos convertem a parte orgânica dos resíduos sólidos urbanos num material estável tipo húmus, conhecido como composto. (GERSRAD, 2004)

Em 1994, a administração pública tentou implantar, na área, um projeto de biorremediação, mas as obras não foram concluídas. Na ocasião, o vazadouro foi dividido em oito células (C1 a C8), implantados 21 drenos de gás e dado início a obras de estruturação de taludes na área voltada para o fundo do vale. De 1967 até 2004, conforme o relatório citado estima-se que estão depositados no vazadouro cerca de 700.000 m³ de resíduos sólidos diversos. Essa quantidade de lixo chega a atingir em alguns pontos, a altura de 30m ou mais. Portanto, as condições de depósito de mais resíduos nessa área é atualmente bastante restrita. Para contornar a situação foi aberta uma nova célula extra (C9), com dimensões de 100x100x10m, a qual estendeu a sobrevida do atual vazadouro para, no máximo, dois a três anos (dados de 2004).

Ainda, segundo o documento acima citado, a área é parcialmente cercada, possui uma oficina mecânica, um escritório e uma balança para controle da quantidade de lixo que chega ao local, mas não possui drenos de base para lixiviado²⁷. Os drenos de gás foram aterrados pelo lixo, a iluminação noturna é precária, é desprovido de rampas adequadas para o tráfego de equipamentos e de transporte, e as 1100 toneladas diárias de resíduos que chegam ao vazadouro são simplesmente empurradas pelo trator, sendo recoberto com terra apenas no verão.

Esta é uma das imagens do lixão de cruz das Almas, feita no ano de 2001, rotina que não se alterou, até hoje, quando homens, mulheres e crianças cotidianamente disputam o “material de valor”.



Foto 10 - caminhão descarregando lixo no Vazadouro de Cruz das Almas
Fonte- TCC Ana Paula Soares Silva, 2001

A imagem de um aterro de lixo é repleta de significados contraditórios. Nele é depositado o que foi descartado pelos consumidores, o lixo. Ao mesmo tempo, o que está ali é uma mercadoria, porque pagamos para nos livrarmos das sobras e restos de nossas vidas diárias- enquanto outros, menos aquinhoados, recolhem antes quase tudo que pode ser reaproveitado. Outra contradição está na multiplicidade de plásticos coloridos e revoltos, imersos na sujeira, com a idéia de que há pouco foram tão sedutoras embalagens. (MIOTTO, 2003)

²⁷ Lixiviado = Material removido por lixiviação, que é o processo através do qual minerais dissolvidos ou em suspensão, fertilizantes ou outras substâncias existentes na camada superior do solo, são dissolvidas e transportadas pela água infiltrada. (http://e-geo.ineti.pt/bds/lexico_hidro/lexico.aspx?Termo=Lixiviado)



Foto 11 - catadores durante a operação do trator no Vazadouro de Maceió

Fonte - Relatório final completo: gerenciamento integrado para transferência e destino final dos resíduos sólidos urbanos de Maceió. Abril/2004

Os catadores do lixão se confundem com o lixo, trabalham diariamente cercado por urubus e com o corpo coberto por moscas, suportando o mau-cheiro durante dez horas seguidas. Não usam nenhuma proteção nas mãos e até ingerem os restos de alimentos jogados no local. Quando os caminhões descarregam, o lixo é revirado. Homens, mulheres e crianças resgatam latas de alumínio, garrafas plásticas, papelão, papel etc.

Organização e profissionalização dos catadores de lixo de Maceió

Em 1999, realizou-se em Maceió, o primeiro encontro de catadores de Alagoas, por influência do Movimento Nacional denominado Fórum Lixo e Cidadania. Inclusive, este encontro contribuiu para que se fizesse um diagnóstico da realidade dos catadores do Estado. A responsabilidade desse trabalho estava a cargo do Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu – CEASB²⁸, que veio da Bahia e se instalou em Maceió.

O Fórum é presidido pelo Superintendente da SLUM (Superintendência de Limpeza Urbana de Maceió) e secretariado pela Coordenadora do Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu – CEASB.

Segundo seus organizadores, esta organização se constitui enquanto uma instância de discussão, proposição e sensibilização das instâncias responsáveis pela formulação das políticas de resíduos sólidos, em especial nos aspectos ambientais, educacionais e de responsabilidade social, articulando, em caráter permanente, organizações governamentais e não governamentais, segundo os princípios do Programa Nacional Lixo & Cidadania. A organização tem como objetivo contribuir

²⁸Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu – CEASB- reconhecido como sendo de utilidade pública em 1998, é uma instituição sem fins lucrativos que tem como missão a promoção e a defesa de bens e direitos sociais relativos ao meio ambiente e ao patrimônio cultural. Fundado em 1 de março de 1996, por educadores integrantes do Movimento de Defesa do Parque São Bartolomeu/Pirajá, em Salvador/BA, desenvolve projetos e atividades ligados à educação, pesquisa, projetos produtivos e de comunicação, que contribuam para a construção de uma sociedade justa, baseada no desenvolvimento sustentável, no respeito à vida e à diversidade cultural, e atua em Alagoas desde 1997.

com a formulação e implementação de políticas públicas para Sistemas Integrados de resíduos sólidos.²⁹

Suas finalidades, segundo a própria entidade, são: estimular o desenvolvimento de estratégias, planos, projetos e ações voltadas para a gestão integrada de resíduos sólidos nos municípios do estado de Alagoas, conforme suas peculiaridades; estimular a criação de Fóruns Lixo & Cidadania Municipais e/ou regionais; socializar informações de interesse para a gestão de resíduos sólidos e sobre fontes de financiamento do setor; promover debates a respeito da redução, reutilização e reciclagem de resíduos, vislumbrando a erradicação dos lixões; estimular a implantação de programas de coleta seletiva nos municípios alagoanos, essencialmente em parceria com catadores observando-se as diretrizes estabelecidas pelo Gestor Público; incentivar a inserção social dos segmentos populacionais que sofrem os efeitos da falta de políticas de resíduos sólidos; incentivar programas de erradicação do trabalho infanto-juvenil nos lixões e nas ruas, e redução das taxas de morbi-mortalidade; contribuir para a promoção de políticas de educação e saúde ambiental para as populações atingidas pela falta de política de resíduos sólidos; estimular formas alternativas de organização dos catadores, em cooperativas e associações, contribuindo para a melhoria da situação econômica e social das famílias que sobrevivem da coleta, triagem e comercialização de resíduos sólidos.

A participação no Fórum Lixo e Cidadania do Estado de Alagoas, segundo informações da representante do CEASB, é aberta a todas as Organizações Governamentais e Não Governamentais que atuam direta ou indiretamente com a

²⁹ Disponível em: <http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadaniaforum/fn_index.htm>. Fórum

gestão de resíduos sólidos, desde que estejam de acordo com os seus princípios e assinem o termo de adesão.

Participaram do primeiro encontro, as Secretarias Estaduais de Planejamento, Educação e Saúde, Instituto do Meio Ambiente, CASAL - Companhia de Abastecimento de Água e Saneamento de Alagoas, as Secretarias Municipais da Cidadania e Assistência Social, Educação, Saúde, Projeto Cidadão, Meio Ambiente, Regiões Administrativas, COBEL - Companhia de Beneficiamento de Lixo Urbano, Conselhos Tutelares de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes, Juizado da Criança, Ministério Público, Federação das Indústrias, ONG Amigos de São Paulo Apóstolo, Cruz Vermelha, ABES - Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental, Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, Associação de Moradores da Vila EMATER (catadores do lixão) e Federação das Associações de Bairros.

O que nos chama a atenção, no que diz respeito ao Fórum, é a pouca representatividade de catadores de lixo, inclusive os catadores de rua que acompanhamos sequer conhecem essas organizações. A participação está restrita a pequeno número de catadores que participam da cooperativa COOPLUM – Cooperativa de Limpeza Urbana de Maceió, da COOPREL – Cooperativa de Reciclagem de Alagoas e da Associação da Vila Emater.

Registra-se no CEASB³⁰, que em 2003 foi realizado o I Encontro Estadual de catadores de Alagoas, com a participação de 120 catadores representando 10 municípios alagoanos. Neste primeiro encontro, foi definido uma Coordenação

Nacional Lixo e Cidadania: **Uma articulação nacional em torno do lixo.**

³⁰ O CEASB hoje está com suas atividades suspensas

Estadual para o Movimento, que representaria Alagoas no Movimento Nacional de Catadores.

Em preparação para o I Encontro Estadual, os catadores do lixão receberam, pela primeira vez em Alagoas, a visita de um representante nacional da categoria, com o objetivo de mobilizá-los a participarem do encontro, bem como de posicionarem-se em relação ao fechamento do atual lixão.

Ainda em 2003, foi desenvolvida uma pesquisa sobre o perfil dos catadores em 20 municípios do Estado, realizada com o apoio de ONGS e movimentos locais (Pastorais, ONGs e Fóruns DLIS - Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável), quando foram entrevistados 286 catadores de lixo.

A pesquisa teve como objetivo geral à realização de um levantamento nos municípios alagoanos (Água Branca, Pão de Açúcar, Pariconha, São José da Tapera, Inhapi, Paulo Jacinto, Quebrangulo, Palestina, Rio Largo, Senador Rui Palmeira, Campo Alegre, Japaratinga, São José da Laje, Traipu, Arapiraca, São Miguel dos Campos, Delmiro Gouveia, Maragogi, Porto Calvo, Santana do Ipanema, Ouro Branco e São Braz), como forma de identificar a atividade de catação e a presença de trabalho infantil nas áreas de lixo.

Como objetivos específicos, segundo relatório do CEASB, a proposta foi subsidiar a realização da I Conferência Estadual de Resíduos Sólidos para definição de Políticas de Resíduos Sólidos; apoiar o trabalho desenvolvido pelo Fórum Lixo e Cidadania de Alagoas; contribuir na mobilização para a realização do I Encontro de Catadores de Materiais Recicláveis em Alagoas e preparar a participação deste

segmento na Conferência Estadual para definição das Políticas de Resíduos Sólidos.

Os resultados desta pesquisa, conforme relatório elaborado pelo CEASB, mostra que apesar de asseguradas legalmente e constitucionalmente, as Políticas Públicas Sociais, inexistem para a maioria dos catadores, e, quando se apresentam, assumem um caráter paliativo, fragmentado e focalizado, excluindo a maior parte da população. A grande maioria dos pesquisados anseia por um novo panorama que apresente atividades geradoras de renda com melhores condições de trabalho. As conquistas alcançadas pelos movimentos sociais, até o momento, não foram suficientes para garantir condições adequadas de vida aos catadores, pois possuem cunho compensatório e pouca efetividade, conjugando ações emergenciais que não favorecem a formação de cidadãos, explicitando e justificando assim a exclusão social. A luta por melhoria nas condições de vida, a ausência de empregos formais e, sobretudo, a luta pela sobrevivência, leva os catadores de resíduos sólidos a buscarem na atividade de catação, alternativas que possibilitem uma renda mínima que atenda suas necessidades básicas.

A maioria das famílias pesquisadas vive exclusivamente da catação de recicláveis, nos lixões ou nos centros das cidades, sobrevivendo com uma renda familiar mensal menor que um salário mínimo.

Na pesquisa, ficou claro que os índices de analfabetismo entre os catadores de recicláveis são altos, apresentando, no entanto, algumas alterações em relação às crianças, que, apesar da necessidade de complementar a renda familiar, não dispensam a escola (até porque lá recebem alimentação). Na luta pela

sobrevivência, adultos e crianças trabalham em condições insalubres, sendo excluídos e marginalizados pela sociedade. Existe ainda a situação agravante de que do lixão coletam não apenas a subsistência, mas também extraem alimentos para consumo (reaproveitamento – prática utilizada quando não conseguem o essencial para se alimentar através do trabalho).

Os resultados da pesquisa acima explicitados estimularam a continuidade do movimento em prol dos catadores em Alagoas, e em 2004, em parceria com a Cáritas Diocesana, foi realizado o II Encontro Estadual, quando foi redefinida a coordenação do Movimento dos Catadores no Estado.

O III Encontro, realizado em 2005, ainda segundo o CEASB, contou com um leque maior de parceiros por ocasião da criação de uma Comissão de entidades que se dispôs a contribuir com a categoria³¹, e com a presença de 139 catadores, provenientes de Delmiro Gouveia, Palmeira dos Índios, Arapiraca, Capela e Maceió (de Maceió participaram catadores da Vila Emater II, Cidade de Lona, COOPREL, COOPLUM, Catadores de Rua – Santa Lúcia).

Todos estes movimentos Estaduais, conforme o Movimento Local dos Catadores de Maceió tiveram como objetivo central contribuir com a formulação e implementação de políticas públicas, estimulando o desenvolvimento de estratégias, planos, projetos e ações voltados para a gestão integrada de resíduos sólidos nos vários municípios do estado de Alagoas, visando a melhoria da qualidade de vida dos catadores de lixo e suas famílias.

³¹ COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO: Tereza Conceição da Silva (Vila Emater II); José Carlos Fausto dos Santos (Cidade de Lona); José Sandro da Silva (COOPREL); Vinicius Sabino (COOPLUM); Nazaré dos Santos, representante dos Catadores de Rua da comunidade Santa Luzia. Além dos parceiros, Cáritas, Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu e da UNI-TRABALHO.

Segundo informação da representante do CEASB os principais resultados dos encontros foram: à implementação de duas cooperativas de catadores em Maceió e uma no interior do Estado, criadas com apoio das prefeituras municipais, e a criação de comitês regionais do Fórum Lixo e Cidadania na região de Palmeira dos Índios (em 2001) e pré-comissões nos municípios da região das Lagoas de Delmiro Gouveia (em 2002).

Nesse ano de 2006 houve uma freada nos movimentos estaduais, segundo informação da Prefeitura e do CEASB, não havendo nenhum encontro, nem reunião do Fórum.

As Organizações de associações e cooperativas, conforme podemos observar durante este estudo, são, no geral, criadas artificialmente, com a finalidade de atender principalmente aos interesses dos mediadores. Conforme afirma Tavares (2004:165) “um empreendimento que nasce subvencionado pelo Estado e por capitalistas não pode, jamais, pretender funcionar como uma cooperativa genuína, capaz de superar a divisão social do trabalho”.

As Cooperativas e os catadores

A COOPLUM foi a primeira cooperativa de catadores de lixo de Maceió, criada por iniciativa da Prefeitura Municipal, através da Superintendência de Limpeza Urbana de Maceió – SLUM, em parceria com o Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu.

Funciona num galpão cedido pela Prefeitura Municipal e está situada junto ao Lixão de Cruz das Almas. Surpreendentemente o grupo que participa da entidade, em torno de 20 pessoas, não dependem do lixo depositado no local onde eles estão situados. Parte do material selecionado na Cooperativa vem dos postos de coleta organizados pela Prefeitura, que inclusive cede o transporte. Contudo, o grupo de cooperados é obrigado a ir para a rua fazer catação, haja vista a baixa quantidade do material que vem da coleta seletiva organizada pela prefeitura. Se ficassem na dependência do material selecionado, não haveria como assegurar as condições mínimas de sobrevivência. Ver foto abaixo.



Foto 12 – COOPLUM - catadores fazendo triagem do material enquanto caminhão aguarda completar carga de materiais recicláveis destinados ao depósito.
Fonte: o autor, 2005.



Foto 13 – COOPLUM - catadores separando material
Fonte: o autor, 2005



Foto 14 - COOPLUM – catador prensando material reciclável
Fonte: o autor, 2005.

Existe uma forte dependência entre a Cooperativa e o poder público municipal. Perguntados sobre esta dependência os associados afirmaram que sem o apoio da prefeitura não teriam condições de continuar e, que existe uma relação de parceria entre ambas, sendo que a prefeitura interfere, inclusive, na escolha do presidente.

Como citou Juncá (2004) em sua pesquisa, com a cooperativa vinham também novas instalações e a perspectiva de melhores condições para o exercício do agora “trabalho”, equipamentos especializados, distribuição de diferentes funções, proteção contra o sol e a chuva, instalações sanitárias, setor administrativo. Mudava o processo e a dinâmica do trabalho. Em tese era isso o que deveria acontecer.

Uma outra iniciativa surgiu em 2004, quando um grupo de garis desempregados fundou a COOPREL - Cooperativa de Reciclagem de Alagoas, que está localizada na Avenida Menino Marcelo, 6001, Via Expressa, Bairro da Serraria – em local cedido pela Prefeitura Municipal, onde funciona o galpão de separação e estocagem do lixo recolhido nas ruas, no qual são guardados os equipamentos de trabalho, como carroças e uniformes. A prefeitura também contribui emprestando um caminhão de coleta.

O referido grupo que fundou a Cooperativa trabalhava na COBEL - Companhia de Beneficiamento de Lixo até o seu fechamento - órgão da Prefeitura de Maceió, responsável pela limpeza urbana. Um número significativo de “garis”,

dentre outros funcionários, perdeu seus postos de trabalho, criando-se um grave problema social com o fim daquele órgão.

Mesmo depois, quando foi fundada a Superintendência Municipal de Limpeza Urbana (SLUM), o grupo de desempregados não teve outra oportunidade senão engrossar as fileiras dos catadores de rua. Observando-se que 2% dos que perderam seus postos de trabalho com o fim da COBEL, encontraram uma alternativa de trabalho, através da organização da COOPREL. Os demais, que não foram poucos, se considerarmos o número de pessoas desempregadas, permanecem fora do mercado de trabalho.

No decorrer da nossa pesquisa, visitamos a Cooperativa, entrevistamos o grupo de catadores e pudemos constatar que a referida organização, embora enfrente muitas dificuldades, pode ser considerada como a única entidade que surgiu principalmente pela iniciativa dos cooperados. O próprio apoio da prefeitura advém da reivindicação dos catadores. Este fato se deve, em especial, pela relação antagônica que se estabeleceu entre a Prefeitura Municipal de Maceió e os antigos funcionários da COBEL, no momento em que o próprio poder público, ao demitir seus “garis”, deu-lhes como única alternativa de trabalho a possibilidade de ser catador de lixo.

A cooperativa funciona em período integral, normalmente iniciando as atividades às 7 horas da manhã e encerrando às 18 h. Eventualmente, ficam até 22 horas. Quando tem lixo para separar, as mulheres ficam no galpão e os homens

partem para a coleta nos bairros. Quando tem pouco material para separar, todos saem juntos para a coleta na cidade.



Foto 15 – COOPREL – catadores juntam o lixo para abrir espaço e descarregar o que trouxeram da coleta.
Fonte: o autor, 2005



Foto 16 – COOPREL – carrocinha utilizada na coleta nos bairros
Fonte: o autor, 2005



Foto 17 – COOPREL - Catadora separando o material
Fonte: o autor, 2005.

Os catadores de lixo filiados à COOPREL, diferentemente do grupo por nós estudados, que atuam na orla marítima, trabalham no bairro do Tabuleiro (10 áreas), um dos maiores bairros de Maceió, e ainda, nos bairros de Antares, Santa Luzia e Serraria. Uma das iniciativas do grupo é tentar mobilizar a população para separar o lixo, inclusive, em algumas partes, já chegaram até a distribuir panfletos informativos. O material é recolhido em dias pré-determinados. A cooperativa não possui equipamentos de prensa, nem de enfardamento. Com os equipamentos que possuem conseguem vender uma média de 10 toneladas de material por mês, sendo que o que mais recolhem são garrafas PET.

Diferente destas tentativas de organização existe, no Bairro de Pitanguinha³², um exemplo de Associação envolvida com o processo produtivo da reciclagem, sem, contudo, envolver diretamente o catador de lixo

Fundada em 1992, através de uma parceria entre o Instituto do Meio Ambiente (IMA) e a GTZ (Empresa de Gerenciamento Técnico Alemã), foi criado o *Projeto Pitanguinha*, implementado pela Associação dos Moradores do Bairro da Pitanguinha (AMPITA). Este projeto tem como objetivo incentivar a coleta seletiva de lixo no Bairro e, ao mesmo tempo, busca inserir os materiais no processo produtivo da reciclagem com a participação da população pobre circundante.

Os moradores dos Bairros participam da coleta seletiva do lixo. Segundo documento da Associação, 90% selecionam seus lixo e entregam ao grupo que trabalha na triagem. São 11 famílias envolvidas diretamente no Projeto, com relações trabalhistas indefinidas. Além de outras, inclusive idosos, que prestam “pequenos serviços” ao projeto em troca de cestas básicas.

São comercializadas, mensalmente, uma média de 20 toneladas de aparas, entre elas, vidros, metais, plásticos e papéis, que são preparados para reciclagem num galpão de 200 metros quadrados de área, com seis boxes de concretos, que

³² O bairro da Pitanguinha nasceu em uma fazenda inserida no meio da cidade de Maceió: a Fazenda Santo Antônio, onde dentre muitos pés de pitangas, um se destacava porque era pequeno e dava bons frutos, dando origem ao nome de Pitanguinha. No início, tudo era mato, mas, aos poucos, foram surgindo forasteiros, construindo casas de palha e plantando fruteiras. Foi construída uma estrada ligando Pitanguinha ao bairro do Feitosa e do Farol. Hoje, este bairro é organizado, limpo e tranqüilo, de fácil acesso, a maioria dos habitantes é de classe média e possui uma associação de moradores organizada. O bairro está inserido em uma área de 3km², com 5000 habitantes e cerca de 1500 residências, onde estão incluídos estabelecimentos comerciais, serviços comunitários e uma área residencial de perfil popular (BARBOSA E ANJOS, 2006).

servem para armazenar diferentes materiais recebidos. No seu interior, encontra-se uma mesa de catação e uma balança que pesa o máximo de 350 Kg., conforme foto abaixo.



Foto 18 – AMPITA – galpão do projeto Pitanguinha Minha Vida
Fonte: <http://www.aondevamos.eng.br/boletins/edicao04.htm>

O material arrecadado no bairro não é suficiente para o auto-sustento da entidade. Por isso, a AMPITA recebe doações de lixo seletivo de aproximadamente 100 moradores de bairros diversos e empresas, como a Trikem e a Importadora Volkswagen. A Prefeitura Municipal também contribuiu com o projeto, fornecendo um caminhão para a coleta no bairro e um funcionário para trabalhar na mesa de triagem do lixo.

Através de um contrato com a Trikem, a Associação dispõe ainda de uma balança com maior capacidade, uma prensa hidráulica e duas máquinas de cintar. A

empresa também presta assessoria técnica e administrativa nas áreas de gerenciamento e contabilidade.

O lixo reaproveitado é fornecido para as empresas Plastuto, Ondunorte, Replast, e para sucateiros da cidade, que aproveitam o alumínio, o ferro-velho e o vidro . A empresa Plastuto adquire plásticos de baixa densidade para confecção de sacos de lixo e sacolas. A Ondunorte compra papel e jornal para confecção de papelão e papel higiênico, respectivamente. A Compet comercializa garrafas plásticas de refrigerante para fabricação de fio para tecelagem, vassouras e cordas. Já a Replast recebe plástico. As sobras dão origem a criativos produtos que são comercializados na associação e nas exposições realizadas em shoppings, escolas e empresas.

Esta Associação não é vista pelas Cooperativas de catadores, ou pelos catadores de rua, como uma associação do segmento. Alegam estes, que os membros da Associação, nunca cataram material, e, a própria triagem, prensagem e comercialização do material é feita por um pequeno grupo de pessoas contratadas pela diretoria da Associação dos Moradores do Bairro da Pitanguinha (AMPITA). No nosso entender, efetivamente o projeto não se caracteriza como uma associação de catadores de lixo. Funciona mesmo como uma organização que participa da cadeia produtiva da reciclagem e estabelece vínculo direto com a indústria sem a participação do catador de rua. O processo neste caso se dá, através da prática da coleta seletiva do lixo.

Nota-se que nas experiências acima citadas os princípios de autonomia e liberdade sobre os quais se pauta o cooperativismo não são contemplados. Apesar da conotação de “donos do próprio negócio”, os membros desse tipo de cooperativa ou associação, possuem uma falsa autonomia, marcada pela precariedade das condições do trabalho, pela falta de capital de giro e pela dificuldade de comercialização dos produtos, o que os torna reféns dos atravessadores, da prefeitura, e/ou das indústrias de reciclagem, que na verdade, continuam sendo seus patrões, não tendo, no entanto, que arcar com os custos sociais de proteção ao trabalho, mascarando, preservando e intensificando a exploração desses trabalhadores.

Maceió não conta com indústrias de reciclagem, impondo aos catadores a venda de seus produtos para sucateiros, que enfardam os resíduos (agregando mais valor) e os oferece em grandes volumes às indústrias.

Ainda não se sabe quantas pessoas e famílias vivem de catar lixo em Maceió, sem participar de nenhum tipo de organização. Tomando como referência o número de catadores que fazem parte da nossa amostra, consideramos que mais de mil pessoas catam lixo nos bairros de renda *per capita* mais alta e em áreas comerciais que inclui os bairros da orla marítima, área do nosso estudo, o centro e o bairro do Farol.

Não há dados concretos sobre os catadores de rua, primeiro porque muitos deixam a atividade quando encontram outros meios de trabalho, segundo porque

tem sido uma população invisível para o poder público. Somente agora a SLUM - Superintendência de Limpeza Urbana de Maceió manifestou preocupação com os catadores. Segundo uma das técnicas do órgão, em breve será realizado um censo dos catadores da cidade, existindo contudo dificuldades para a realização do trabalho, tendo em vista que, deverá ser feito através de convênios, dificultados, em parte, pela burocracia e pela falta de vontade política.

Parte desses catadores, invisíveis para o poder público e para grande parte da população de Maceió, faz parte do nosso estudo. Nosso objetivo é, guardando os nossos limites teóricos e práticos, dar visibilidade a homens, mulheres e crianças que encontram na rua e no lixo as condições mínimas para sobreviver. No próximo capítulo, analisaremos as condições de vida e trabalho desses brasileiros. Conforme escreveu Fernandes (2005) “nenhum olhar muito atento, nem uma metodologia, é capaz de expressar a dureza dessa forma de viver e trabalhar”, contudo, através do processo de abstração buscamos explicitar a realidade social dos catadores de lixo de Maceió.



Foto 19 - catadores selecionam o lixo coletado, em uma das praças da cidade.
Fonte: o autor, 2006

CAPÍTULO 4

OS CATADORES DE LIXO DE MACEIÓ: RELAÇÕES DE TRABALHO E CONDIÇÕES DE VIDA

Os catadores de lixo de Maceió: relações de trabalho e condições de vida.

Um dos objetivos do nosso trabalho, como já anunciamos anteriormente, é estudar os catadores que atuam nos bairros da Ponta Verde e da Pajuçara, da cidade de Maceió, haja vista que é nestes bairros que se produzem o maior volume de resíduos sólidos da cidade. Segundo dados do Relatório Final do Gerenciamento Integrado para Transferência e Destino Final dos Resíduos Sólidos Urbanos de Maceió (página 25), os dois maiores pontos de geração de resíduos sólidos em Maceió, estão localizados naqueles bairros.

A pesquisa objetiva entender as relações de trabalho vividas pelos catadores de lixo de Maceió e sua trajetória de vida, no contexto da sociedade contemporânea, partindo da seguinte problematização: em que medida a constituição da reciclagem, enquanto uma atividade econômica rentável tem contribuído para melhorar a qualidade de vida dos catadores? Os movimentos, a exemplo do Lixo e Cidadania, contribuem para alterar as relações de trabalho a que está submetida esta categoria? Quem são estes catadores, como trabalham e como vivem?

Iniciamos a coleta de dados e o encontro com os catadores em janeiro de 2005, quando passamos a visitar os pontos de negociações de material reciclável denominados de *depósitos* ou *ferros-velhos*. Nossa primeira preocupação foi conhecer o processo de comercialização dos materiais reciclados e como os catadores ali se inseriam. Pudemos perceber que havia um processo de subordinação dos catadores a partir dos instrumentos de trabalho. Cada ferro velho tem uma pequena frota de carroças, e muitos dos que catam lixo, por não disporem de equipamentos para a coleta na rua são obrigados a alugá-los aos donos dos *depósitos* estabelecendo uma relação de dependência entre catadores e comerciantes, haja vista que todo catador fica obrigado a vender o seu produto àqueles que lhe alugam as carroças. Conforme salientam Lago e Pádua (1984: 94), “(...) o homem da rua (ou que trabalha na catação de lixo) se sente alienado e impotente: não tem controle sobre o que produz nem sobre para onde vai o fruto do seu trabalho”.

Em seguida fomos ao encontro dos grupos de catadores que atua na orla marítima, no centro da cidade e no bairro do Farol. Foram contatados 92 catadores e acompanhados sistematicamente 33 (36%), sendo que desses, 42,4% (14) são moradores de rua e 57,6% (19) têm residência fixa.

A todos nos apresentávamos, explicávamos o nosso trabalho, e manifestávamos o interesse de acompanhá-los em suas atividades diárias. Queríamos saber das dificuldades que eles enfrentavam no dia a dia, como eram recebidos nas ruas, especulamos sobre o preço do produto coletado no mercado, as

variações de preços, e fizemos referência às nossas visitas aos *depósitos* (ferrovelho).

Também entramos em contacto com aqueles grupos que atuam no Lixão de Cruz das Almas. Num segundo momento contactamos com o Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu - CEASB, com a Superintendência de Limpeza Urbana de Maceió - SLUM e com a Secretaria Estadual de Meio Ambiente - SEMA. Todas as nossas informações foram registradas num diário de campo para que tivéssemos uma visão geral do problema dos catadores da cidade de Maceió.

Uma vez em campo, a primeira sensação que surgiu foi de estar em um local conhecido, porém ao mesmo tempo estranho. Uma experiência forte, impactante. Transpor barreiras imaginárias entre nós e os catadores não foi fácil. Seus olhares ora desafiadores, ora não encontrados (ver um catador que fixa seu olhar mais para o chão e lixeiras é relativamente comum), ora discretos, ora desconfiados, foram barreiras objetivas que se colocavam na relação com estranhos. Diríamos que algumas dessas barreiras foram possíveis de serem transpostas, outras não, como por exemplo, em tentativas nas quais o contato era repellido ou ignorado, mesmo que essas aproximações tivessem sido minimamente avaliadas.

Com a convivência diária com o grupo, já não éramos vistos como alguém estranho o que foi bastante positivo por um lado, mas muito difícil, por outro, pois, vivenciamos algo que, tínhamos conhecimento, mas nunca havíamos vivido tão de perto (o tráfico e uso de drogas nesse meio).

Além desse fato, vivemos outros momentos que só vieram a confirmar a dureza do trabalho a que estão submetidos aqueles que dependem da catação de lixo para viver. Não foi difícil perceber que a população manifesta um elevado grau de desconfianças e hostilidades para com aqueles homens e mulheres que lutam diariamente para sobreviver da catação de lixo.

Pela discriminação que sofrem na rua, alguns catadores manifestaram certa desconfiança em relação a nós. Alguns resistiram às nossas propostas de acompanhá-los durante seu trabalho. Um casal manifestou aos seus companheiros que tinha medo, poderíamos ser da polícia e os estar vigiando, se por acaso fizessem alguma coisa “errada”. Um outro – que mesmo com nossas tentativas de deixar o mais claro possível nossas intenções, negaram-se a participar da nossa pesquisa, alegava que a família não aprovava o “trabalho” deles e que não queriam aparecer naquela situação.

Quando começamos a acompanhar àqueles se dispuseram a colaborar conosco, tivemos a preocupação de encontrar meios de não incomodá-los, de modo a não alterar sua rotina diária.

Elegemos 33 catadores para desenvolver nosso trabalho e passamos a acompanhá-los em turnos de 4 horas diárias quando eles estavam na busca do *lixo de valor*. Esta foi uma tarefa difícil que exigia que avaliássemos as dificuldades dos próprios catadores, precisamos avaliar o volume da carga, o esforço despendido para puxar a carroça, as expressões de cansaço (respiração, suor). Houve situações

em que eles nos indicavam se era ou não um bom momento para conversarmos, já que andavam com pressa, observando onde havia lixo a ser catado. Suas expressões faciais demonstravam seus esforços diante do peso que carregavam. Às vezes parávamos para retomar o "fôlego" e/ ou beber água.

Centenas de catadores transitam pela orla marítima de Maceió diariamente. Alguns permanecem pouco tempo em determinado lugar e depois tentam outro bairro em busca de mais facilidade na catação, outros, após determinar sua área de atuação, retornam todos os dias, nos mesmos horários, durante alguns meses. Poucos permanecem mais do que alguns meses no mesmo bairro, mesmo aqueles que moram nas ruas.

Identificamos que existem dois grupos de catadores. Aqueles que moram na rua em definitivo e vivem nas praças e aqueles que trabalham na rua e ali passam, às vezes, a semana toda, dependendo da distância da sua moradia. O primeiro grupo era composto por 14 homens e mulheres. No nosso entender, o contato com este grupo foi mais fácil. Não havia resistência a nossa participação. Nosso encontro se dava na Praça do Skate, onde eles já estavam reunidos, local onde faziam e partilhavam suas refeições. Da praça "saíamos para o trabalho".

Entre aqueles que têm residência fixa, selecionamos 19 catadores, eles resistiram mais a nossa presença. Ao contrário dos moradores de rua – que sempre se reuniam na praça antes de sair para o trabalho, e raramente saem sozinhos – os

catadores com residência, normalmente andam sozinhos, apressados, desconfiados, cumprem um horário e metas estabelecidas por eles mesmos.

Após as primeiras semanas de acompanhamento ao catador deste segundo grupo, procurávamos ser “convidados” a conhecer seu local de moradia. Esta foi uma das maiores dificuldades encontradas. Por medo, ou talvez por vergonha, ou ainda por se sentirem “invadidos”. Eles resistiram à idéia de visitas domiciliares. Estes catadores deslocam-se de vários bairros da cidade, para buscar material no bairro da Ponta Verde e Pajuçara. Dos 19 catadores acompanhados, apenas cinco nos convidaram para sua residência. Muitos davam desculpas e esquivavam-se de ter nossa companhia até suas casas. Um deles passou a nos evitar claramente, preocupado com a possibilidade de visitá-lo.

Alguns catadores que vivem nas ruas, sempre que conseguem juntar algum dinheiro, alugam pequenos quartos ou casebres nas favelas da cidade. Aqueles que têm residência fixa moram na favela da Carminha (Benedito Bentes), outros, na favela Sururu de Capote, na Ponta da Terra, na favela do Mercado, no Vale do Reginaldo, na Grotta do Rafael e no Jacintinho. Suas casas variam pouco, ou são quarto pequenos sem mobília, ou pequena casa que propicia algum conforto. Grande parte não tem sequer camas, dormem em colchões espalhados pelo chão da casa. Alguns fazem de caixotes encontrados no lixo seu armário.



Foto 20 – carrinho que antes servia para a atividade de catador, hoje é utilizado como armário.

Fonte: o autor, 2006

Como eles vivem

A nossa pesquisa demonstrou que as condições de vida e trabalho dos catadores de lixo são definidas muito antes deles se integrarem ao processo de produção da reciclagem. Seu lugar e sua história é determinada pelo lugar que ocupam na estrutura social. Já nascem, em geral sem casa, alguns não tem pai, ou são filhos de famílias muito pobres. Os alagoanos, geralmente descendem de famílias que trabalham ou trabalhavam em usina, no corte da cana. Muitos se quer

têm documentos, poucos foram à escola. Um breve resumo da vida desses alagoanos expressa melhor essa situação.

1 - Silva tem 15 anos, deixou sua família onde nasceu, na cidade de Cajueiro, no Estado de Alagoas. Sua família ainda mora no interior e trabalha no corte de cana. Não sabe ler nem escrever, pois quando morava com os pais ia junto para o corte de cana. Há cinco anos veio para Maceió acompanhado do irmão mais velho. Ao ser registrado pelo pai junto com todos os outros irmãos sua certidão de nascimento, por erro do cartório, foi emitida como se ele fosse do sexo feminino e recebeu o nome de Silvana. Esse fato além de gerar grandes constrangimentos impede que ele tenha seus demais documentos. Tem medo de ser pego pela polícia e não poder se identificar. Mora em uma “vila”, no “Mercado da produção”, junto com um amigo, que também cata lixo. Esta “vila” é constituída de vários quartos, ocupados por outros catadores ou pessoas que trabalham no mercado e o aluguel custa R\$ 7,00 por semana.

2 - Naldo, o amigo de Silva, tem 17 anos e nasceu em Maceió. Não conheceu seu pai, sua mãe e seus irmãos moram nos arredores do bairro do Benedito Bentes. Também não sabe ler, embora tenha feito até a 3ª série. Com 12 anos fugiu de casa e foi catar lixo para sobreviver. Não consegue se relacionar bem com sua família, por isso prefere morar sozinho. É proprietário de uma pequena carroça. Quando vai sozinho para a catação leva o carro pequeno. Quando os dois saem juntos pegam uma carroça emprestada do depósito do mercado da produção. Vendem seus materiais para este depósito, que fica perto de sua casa, e acreditam que não tenha muita diferença de preço para os outros depósitos. Saem para o

trabalho todos os dias, com exceção de sábado e domingo que ficam “cuidando carro” no mercado. E ganham aproximadamente, R\$ 40,00 por semana com a catação.

Dos 33 catadores acompanhados 33% (11) são analfabetos, 54,5% (18) são analfabetos funcionais, 9% (3) fizeram até a 6ª série e apenas 1 completou a 8ª série.

A vida desses dois jovens representa uma dentre tantas outras de jovens que estão à margem da sociedade e têm como única alternativa as ruas para garantir sua sobrevivência. Uns catam lixo, outros pedem. Eles estão por toda parte, e às vezes incomodam os cidadãos da cidade. Como todos os que moram nas ruas, ou vivem nelas buscando seu sustento e de sua família, os catadores vivem o drama social que atinge milhões de famílias que vivem nas favelas que rodeiam as grandes cidades.

A história dessa família, que descrevemos abaixo, demonstra também quão é difícil para os catadores de lixo assegurarem a cidadania para si e para seus filhos, o que revela a distância que existe entre a filosofia do movimento denominado “Lixo e Cidadania” e a realidade por eles enfrentada.

José Maria e Maria José moram no Vale do Reginaldo, em uma casa alugada. Ela tem 33 anos, nasceu em Matriz de Camaragibe, e estudou até a 3ª série do ensino fundamental. Ele tem 35 anos, e nasceu no município de Viçosa,

embora tenha freqüentado a escola, ele não sabe ler nem escrever. Quando casaram, ela trabalhava como doméstica e ele era cortador de cana. Catam o lixo no bairro da Ponta Verde, saem de casa de manhã cedo, deixam o filho na escola, e vão para rua. Sua remuneração é definida a partir do volume do material coletado e vendido aos intermediários (depósitos, ferro-velho, sucateiros), que posteriormente revendem às grandes empresas de todo o país, que varia entre de R\$ 50,00 a R\$ 70,00 por semana.

A maioria dos catadores pesquisados moram e/ou dormem nas ruas, o que significa perigo constante. Para se abrigarem durante a noite, primeiro precisam “negociar” com os donos dos estabelecimentos e/ou com o vigia, para que possam se abrigar nas marquises, frentes de lojas, postos de gasolina. E só ocupam seus abrigos depois do estabelecimento fechado. Por isso dormem tarde e precisam acordar muito cedo, o lugar precisa estar desocupado quando amanhece o dia. Normalmente usam papelões como cama. Alguns dispõem de colchões muito finos e lençol ou cobertores, levantam muito cedo, e quando estão com sono durante o dia, dormem nas praças ou calçadas.

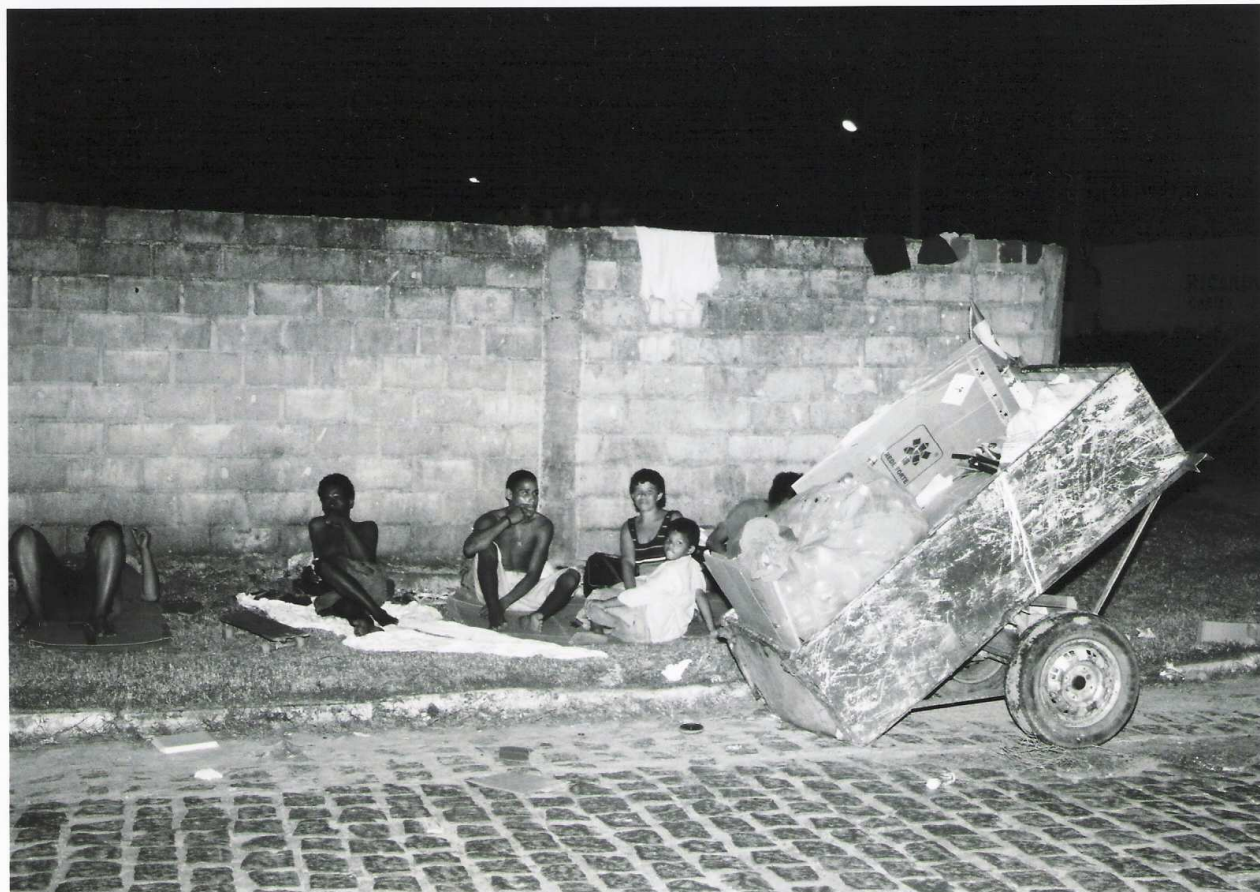


Foto 21 – catadores preparando-se para dormir na rua
Fonte: Marcionila Fernandes e Alessandra Brandão, 2006



Foto 22: família de catadores dormindo na rua
Fonte: Marcionila Fernandes e Alessandra Brandão, 2006.



Foto 23 – catador repousando na praça do Skate
Fonte: o autor, 2006.

Na historia de Maria está descrita a forma como os catadores dormem:

Maria é analfabeta. Seu primeiro filho nasceu quando ela tinha somente 14 anos de idade. Seu companheiro se chama José e tem 19 anos, também nunca freqüentou escola. Saiu de casa com 11 anos e convive pouco com sua família. Eles trabalham com o carro cedido pelo depósito de Ponta da Terra a quem entregam o material coletado, e são obrigados a aceitar o valor que o dono do depósito lhes oferece. Dois estabelecimentos comerciais guardam para eles papelão e papéis usados, além de latas, e garrafas PET. O casal de catadores, atualmente, se abriga

na marquise de uma farmácia, na Ponta Verde. Mas esse lugar não é fixo, dependem da vontade dos donos dos estabelecimentos por isso sempre mudam do lugar onde dormem. O dinheiro que ganham no processo de catação atinge no máximo R\$ 40,00 por semana.

Alguns catadores que têm residência fixa, moram na favela da Carminha (Benedito Bentes), outros, na favela Sururu de Capote, na Ponta da Terra, na favela do Mercado, no vale do Reginaldo, na Grota do Rafael e no Jacintinho. Uns vivem em quartos sem nenhuma mobília e outros têm pequenas casas que propiciam algum conforto. Uma parte deles não tem sequer camas, dormem em colchões espalhados pelo chão da casa. Alguns fazem de caixotes encontrados no lixo seu armário.



Foto 24 – catadora prepara refeição na praça do Skate
Fonte: o autor, 2005



Foto 25 – residências dos catadores em uma das favelas de Maceió
Fonte: o autor, 2006



Foto 26 - catadora lava a louça após o almoço na praça do Skate
Fonte: o autor, 2006

De todos os catadores pesquisados constatamos que sua fonte de renda principal vem do lixo. Apenas uma catadora, dentre o grupo de 33, desenvolve a atividade como complemento de renda. Ela trabalha como diarista terças e quintas-feiras, cata apenas nas segundas - feiras, e nos fins de semana comercializa nas feiras do bairro parte dos produtos coletados, fruto da doação de um grupo de pessoas que lhe “presenteia” com roupas usadas, bolsas e calçados.

Como eles trabalham

Os catadores geralmente andam em grupos, atraídos pelo lixo produzidos na cidade, mas também vão às festas públicas. Nos carnavais fora de época de Maceió, ocupam as áreas debaixo dos camarotes, com suas mulheres e filhos, lá comem e dormem. Eles fazem parte da festa, são do último “bloco” do carnaval, que passa limpando a sujeira deixada pelos demais. Além da cata diária eles também fazem “romaria” seguindo o carro de coleta do lixo da empresa vinculada à Prefeitura Municipal de Alagoas.

Lembro, quando criança, de meus pais falarem *“foi aquele pretinho que vive na rua que espalhou o lixo”, “acho que vamos ter que chamar a carrocinha”,* referindo-se aos cães de rua. Os catadores são vistos mais ou menos como estes cães. *“Lá vem àquela magrinha, vê se tem pão velho ou bolacha e entrega logo antes que venha pedir aqui dentro”. “(...) separou as caixas pro menino do lixo? Ele já ta esperando.” “A Maria Cachaceira já ta aí”. “Diz que se não for embora vou chamar os homi”.*

Estas frases exemplificam como os catadores são tratados. Ao contrário dos garis, descritos por Fernando Braga da Costa (2004), no seu livro intitulado “Homens invisíveis”, os catadores parecem não ser invisíveis, são plenamente identificados e diferenciados nos locais onde circulam, são incômodos como os cães vira-latas de antigamente. Lembro, quando criança, de meus pais falarem *“foi aquele pretinho que vive na rua que espalhou o lixo”, “acho que vamos ter que chamar a carrocinha”,*

referindo-se aos cães de rua. Os catadores são vistos mais ou menos como estes cães. *“Lá vem àquela magrinha. Vê se tem pão velho ou bolacha e entrega logo antes que venha pedir aqui dentro”*. *“(...) separou as caixas pro menino do lixo? Ele já ta esperando.”* *“A Maria Cachaceira já tá aí”*. *“Diz que se não for embora vou chamar os hom”*. Estas foram algumas das frases que escutei acompanhando os catadores em seu dia a dia.

Os catadores precisam contar com a boa vontade dos porteiros, dos garis, dos pequenos comerciantes que muitas vezes “juntam materiais”, dos donos de depósito, dos vigias. Mas muitas vezes são tratados como se fizessem parte do lixo que coletam, são olhados como diferentes, inferiores, paradoxalmente são vistos, mesmo que no plano teórico, como “profissionais” que contribuem com a gestão ambiental da cidade.

Em alguns casos são visto como uma alternativa para limpar as frentes das lojas. *“A prefeitura ainda não instituiu a coleta seletiva”* frase de um comerciante que separa o lixo para um determinado catador. Petrus, um catador falou, *“consegui que uma das barracas de praia me doasse todas as latinhas e garrafas PET, em troca, eu limpo, todas as noites, a parte de trás da barraca, onde os garçons jogam lixo”*.

Foi visível na nossa pesquisa como todos que catam sonham de uma forma ou de outra deixar a sua atividade, alguns queriam ser garis, as mulheres em geral pensam em abandonar a catação encontrando empregos domésticos. Na descrição

da história de Maria João, a seguir apresentada, ela expressa o desejo de trabalhar somente fazendo faxina.

Maria João tem 53 anos, é viúva, tem cinco filhos, nasceu em Maceió, reside atualmente na Grota do Rafael perto de Cruz das Almas. Ela conta com apoio de pessoas que doam roupas, calçados, além dos materiais recicláveis. Sai a rua para recolher os materiais apenas na segunda-feira, esporadicamente faz faxina e prepara o material para levar para a feira, onde negocia o que lhe é doado. Uma vez por mês recebe uma cesta básica. A mãe é aposentada. A neta que mora com ela tem 11 anos e está no segundo ano primário. Sua renda é em média de R\$ 40,00 por semana. A casa é própria, se orgulha de não pagar aluguel e diz que é uma das melhores e mais bem equipadas casas da favela. Antes trabalhava como doméstica, trabalhou também nas barracas de praia. Hoje prefere trabalhar avulsa, pois tem a neta de quem tem que tomar conta. Declarou que se conseguisse *umas três faxinas fixas por semana, abandonaria a catação*.

Ivone tem 28 anos, nasceu em Marechal Deodoro. Sua família é muito pobre, mas fazia questão que os filhos estudassem, cursou até a 6ª série do ensino fundamental. Aos 15 anos, expulsa da casa dos pais, veio para Maceió onde teve sua primeira filha, que, doou para um casal desconhecido. Trabalhou dois anos como doméstica na casa de uma patroa que lhe conseguiu uma colocação como recepcionista em uma clínica. Trabalhou pouco tempo na recepção e voltou para o trabalho doméstico, pois segundo ela, assim tinha moradia e alimentação e ganhava o mesmo salário de recepcionista.

O marido é profissional da construção civil, mas não conseguiu colocação. Por isso juntaram um pouco de dinheiro e conseguiram comprar uma carroça. Trabalham como catadores desde que as crianças nasceram. Eles revezam na catação de modo que podem levar as crianças para escola, sem prejudicar o trabalho. Ele fica separando o material que ela recolheu de manhã. Eles vendem os materiais, para o ferro-velho mais próximo de sua casa, pois não vêem muita diferença de preços entre um e outro depósito. Procuram armazenar o máximo possível, pois quando vendem o material em grande quantidade conseguem melhor preço. *Ela sonha em voltar a trabalhar como doméstica*, com carteira assinada e em melhores condições do que “*puxando carro pela cidade*” e “*fuçando no lixo*”. Seu principal apoio é o tio do marido, que lhes ajuda muito, não cobrando aluguel da casa e, algumas vezes suprindo a alimentação das crianças. Ela e o marido, juntos, conseguem ganhar uma média de R\$ 70,00 por semana, com a catação.

Edval já trabalhou na COBEL e na LIMPEL, empresas de limpeza urbana de Maceió, com carteira assinada e salário fixo. Na época em que trabalhava nessas empresas morava na favela do Reginaldo. Tinha tudo. Com o fechamento das empresas ficou desempregado e foi vendendo suas coisas aos poucos, para pagar o aluguel e poder comer. Acabou sem nada e sem lugar para morar. Voltou para a casa da mãe, descobriu o que os irmãos faziam e preferiu morar na rua. Ele conhece o dono do ferro-velho, desde o tempo em que trabalhava na COBEL, por isso ele lhe empresta uma carrocinha para catar material. Às vezes dorme no depósito, outras vezes dorme embaixo de alguma marquise ou na praia.

Conheceu o “pessoal” que cata nas ruas quando trabalhava como lixeiro e eles iam atrás do caminhão. Fez alguns amigos na época, e hoje trabalha com eles catando lixo na cidade. Edval se emociona quando lembra que já teve tudo e hoje vive praticamente esmolando um pouco de comida. Ele se reúne diariamente com o grupo de catadores na praça, bebe muito: *“a única maneira de agüentar essa vida é bebendo, pra não pensar demais, senão a gente pira”*. Ele consegue em média, R\$ 30,00 por semana com a catação, porque nem todo dia consegue recolher material. Tem dias que nem vale a pena pegar a carroça (quando bebe muito e não consegue acordar cedo). Edval acompanha o caminhão do lixo e é muito duro lembrar do tempo em que ele estava no caminhão e não atrás dele. Os colegas sentem muita pena de Edval *“porque ele já teve de um tudo, é um bom rapaz e vai acabar se perdendo nessa vida. Já começou a beber, que todo mundo que vive que nem nós acaba bebendo pra agüentar a situação”*.

Quando conhecemos D. Cíce ela tinha 47 anos, mas com aparência de 60. Nasceu em Santa Cruz, interior de Pernambuco. Criou-se “cortando cana e rolando pelos canaviais” (conforme ela mesma descrevia). Quando ainda morava em Santa Cruz, teve uma filha, mas não sabia quem era o pai. Cansada daquela vida veio tentar a sorte em Maceió. Trouxe sua filha e foi tentar emprego de doméstica. O marido também é catador e conseguiam ganhar, em média, R\$ 40,00 por semana. A carrocinha é pequena e como eles moravam na rua precisavam vender o que arrecadavam diariamente para não serem roubados, o que fazia com que aceitassem qualquer valor oferecido.

Acompanhamos D. Cíce durante três semanas, todas as manhãs. Quando bebia costumava chorar muito e se lamentar da vida que levava. Ela morreu há quatro meses. Um dia quando tentávamos recolher material de uma lixeira o porteiro apareceu e mandou que saíssemos dali, pois se espalhassem o lixo ele seria repreendido. D. Cíce comentou: *“humilhação, estes porteiros. Não ligo. Sou mais eu”*. Uma manhã, ao entrar em uma padaria ouvi o rapaz do balcão avisar ao dono que a “cachaceira” estava chegando. O dono da padaria gritou: *“diz que se ela não for embora vou chama os homi”*. Saí rapidamente e não permiti que ela entrasse. Mas ela tinha ouvido e comentou: *“eu ouvi, eles fazem isso porque eu digo desaforo e não tenho medo da polícia não”*. *“Eu bebo mesmo, que não tenho mais nada pra esperar da vida”*. Dormia, normalmente, em um posto de gasolina. O vigia permitia que ela guardasse o carrinho ali e, quando estava sozinha, deixava que dormisse na garagem de lavar carro. De manhã cedo encontrava os amigos na praça, e saiam para catar. Próximo ao horário do almoço reunia-se novamente com o grupo, na praça, para preparar a refeição. Eles faziam a comida num fogo feito no chão.



Foto 27 – catadores cozinhando na praça do Skate
Fonte: o autor, 2006

As principais dificuldades do trabalho

O primeiro problema dos catadores é a falta dos instrumentos de trabalho e o acesso ao lixo que é dificultado pelos moradores dos bairros, nos quais o lixo é guardado em lixeiras fechadas, prevenindo-se do incômodo dos catadores e dos

bichos. “Eles (os catadores) precisam de carroças para transportar o lixo coletado, mas nem sempre dispõem de dinheiro para comprá-las”.

Existe uma “regra”, um “acordo” entre eles. Naqueles prédios onde o acesso é facilitado, os catadores procuram não rasgar os sacos de lixo, abrem, pegam o que necessitam e depois fecham para o lixo não espalhar. Em outros casos sacos são rasgados.

Como já dissemos, o principal instrumentos de trabalhos usados pelos catadores em Maceió são as denominadas “carroças” ou “carros”, que são gaiolas de madeira ou ferro, de diversos tamanhos, que têm estrutura semelhante às antigas carroças puxadas à tração animal, só que quem as puxam agora são os próprios homens e mulheres da catação. Ver fotos abaixo.







Fotos 28, 29, 30 e 31 – carroças utilizadas para catação
Fonte: o autor, 2006.

Dentre os catadores pesquisados quase a metade depende dos comerciantes para sair à rua à cata de lixo São 42,4% (14) aqueles que usam carros emprestados ou alugados. Aqueles que têm o instrumento de trabalho também perfazem um total de 42,4% (14), os demais 15,2% (5) utilizam sacos ou carrinhos de mão para coleta do lixo. Às vezes não possuem documentos para deixarem empenhados, assim utilizam sacos ou carrinhos de mão para este fim. Eles coletam poucos materiais e precisam vender em pouca quantidade para os depósitos, pois não tem outra forma de transportar o material. Eles trabalham expostos ao sol ou chuva, sem uso de qualquer equipamento de proteção.



Foto 32 – catador forrando a carroça
Fonte: o autor, 2006



Foto 33 – catadora utiliza sacos para coletar material
Fonte: o autor, 2006

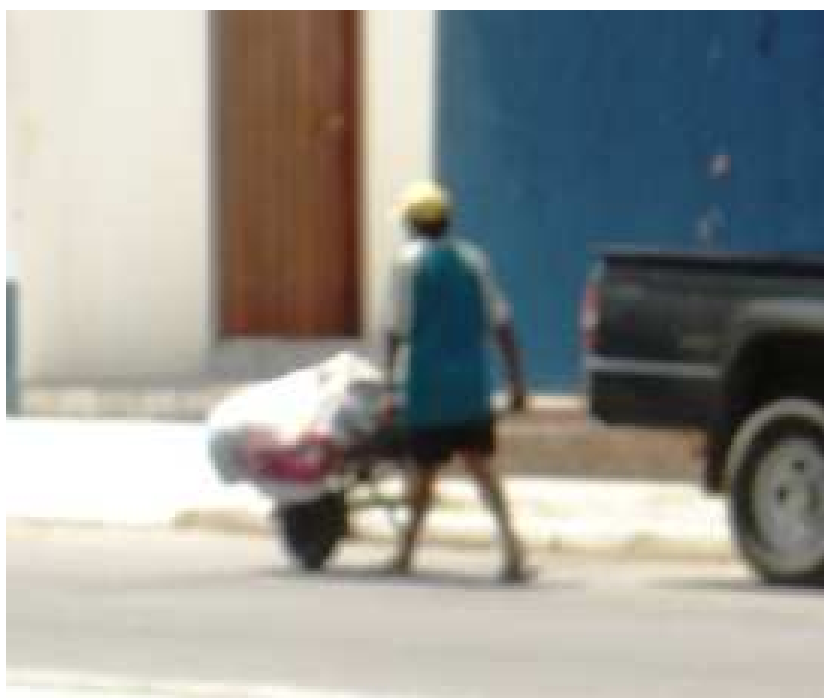


Foto 34 – catador utiliza carro de mão para coletar materiais
Fonte: o autor, 2005

A média de ganho semanal daqueles que têm carroças próprias é de R\$ 60,00 e dos que usam carrinho emprestado é de R\$ 40,00. Os que utilizam sacos vivem também da mendicância e de outros “bicos” (lavar carros, cuidar carros em estacionamentos) e seu ganho é muito variável, indo de R\$ 20,00 à R\$ 50,00 por semana. Hoje, 13, dos catadores acompanhados por nós, moram nas ruas.

Os catadores que conseguem comprar seu instrumento de trabalho podem ganhar um pouco mais, pois escolhem para quem vender a mercadoria catada, são livres para buscar os compradores, sem se importar com a distância que tenham que percorrer para vender seu produto. O problema maior de quem consegue ter a própria carroça é a manutenção desta. Os pneus furam, precisam de conserto, rodas desgastadas, precisam de conserto. As tábuas quebram, os ferros enferrujam. ...E o material necessário para o conserto custa caro.

Assim trabalham os catadores de lixo de Maceió. Os pais envolvem suas criança nessa labuta diária que é o único caminho para viver, sobreviver. Como disse Fernandes (2005).

Lembrar Michel, um menino de cinco anos catando ao lado dos pais, dormindo e tomando banho junto com outros nove catadores, seu sonho “um carro maior para meu pai”.

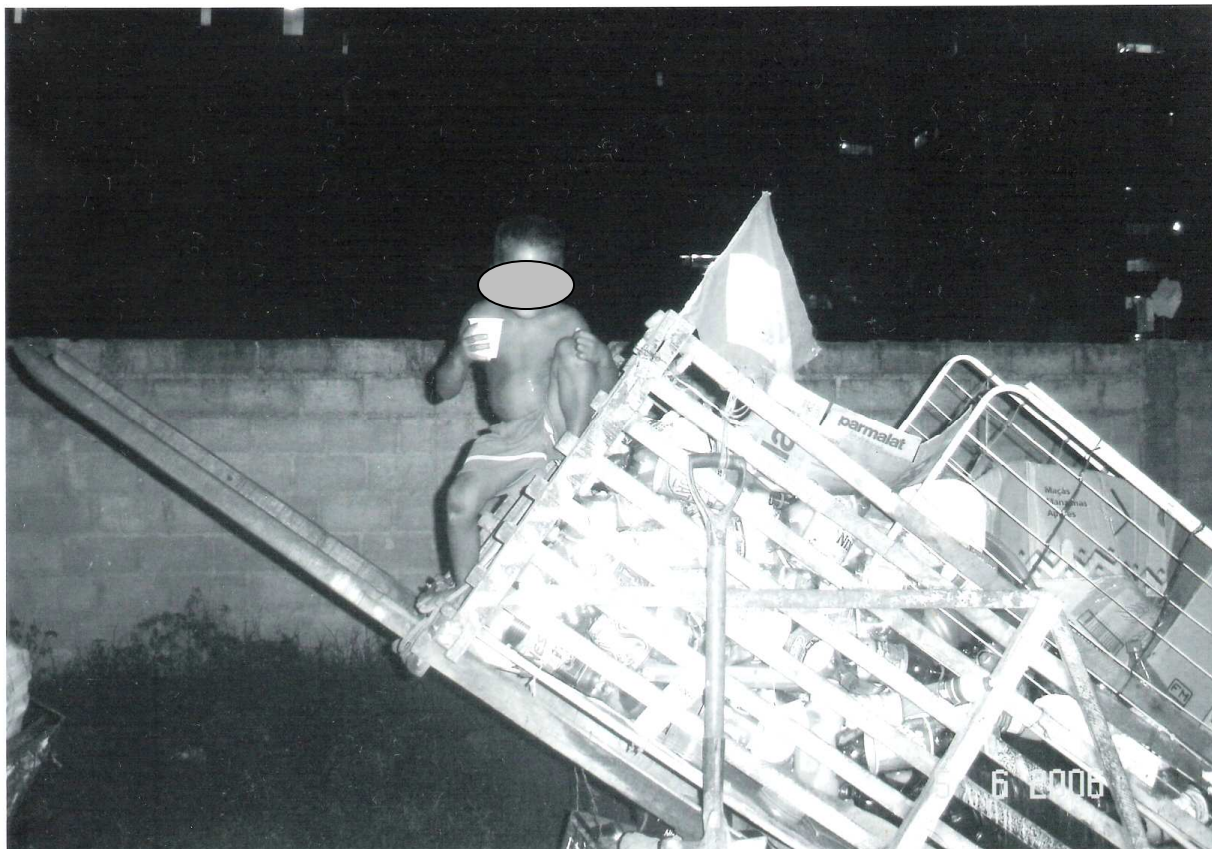


Foto 35 – menino lancha cuidando a carroça para os pais
 Fonte: Marcionila Fernandes e Alessandra Brandão, 2006.



Foto 36 – carroças estacionadas no final da noite, enquanto os catadores jantam
 Fonte: Marcionila Fernandes e Alessandra Brandão, 2006.

CONCLUSÃO

Na década de 70 a sociedade ocidental deu-se conta dos impactos ambientais causados pelo modelo de desenvolvimento urbano industrial. Sob a égide da “sociedade de consumo”, fora anunciada, no âmbito global, a crise ambiental que atingia todo planeta. O que tornava imperiosa a preservação ambiental e a gestão dos recursos naturais. Diante do quadro catastrófico anunciado, a humanidade estava em perigo, governos e as sociedades modernas, embora não tenham diminuído sua capacidade de consumo, buscaram novas alternativas para diminuir o consumo de recursos. Neste contexto o processo da reciclagem do lixo assume grande relevância. O que leva os catadores de lixo a se inserirem na cadeia de produção da reciclagem.

Os catadores, antes vistos como escórias da sociedade são agora re-significados como trabalhadores inseridos no processo produtivo da reciclagem. Como vimos nos capítulos anteriores, a figura do catador de lixo, embora ainda carregue a imagem de desvalido, assumiu outro significado na sociedade atual, passando a ocupar um espaço privilegiado no discurso sócio-ambiental, aparecendo, com freqüência, na mídia, o que reforça o discurso de ambientalistas, governos e empresários, re-significando a atividade de catação de lixo.

Para compreendermos as relações de trabalho nas quais os catadores de lixo de Maceió existem, fez-se a opção por uma perspectiva político-crítica. Nesse caminho, considera-se que as desigualdades sociais se multiplicam e que certos sistemas político-culturais, além de entrelaçar-se à organização da economia política em classes sociais também colaboram para discriminações e naturalizações daqueles que são excluídos socialmente por força das relações capital trabalho.

O que queremos enfatizar é que os catadores de lixo, em sua evolução histórica, foram marcados por condicionantes políticos, econômicos, sociais e culturais. Durante muito tempo, as pessoas que viviam do lixo, eram vistas como figuras “miseráveis”, “imundas”, “desvalidas”, à margem da sociedade, representando o último estágio de degradação humana. Esperava-se que esses grupos de “desvalidos” pudessem, mesmo através de políticas compensatórias, superar essa condição de viver do lixo. Esperava-se que os governantes formassem políticas capazes de resgatar homens, mulheres e crianças desta condição.

No entanto, com a introdução dos programas de reciclagem, estes “desvalidos” passam a ser “inseridos” na cadeia produtiva dos materiais reciclados, nos discursos de ambientalistas e de governantes, que os consideram, agora, “agentes ambientais”, “colaboradores” diretos dos sistemas de reaproveitamento e reciclagem de materiais, sendo reconhecidos como uma categoria profissional, comprovadamente institucionalizada.

Embora ainda manifestem a imagem de “desvalidos”, os catadores passaram a ocupar um espaço privilegiado no discurso sócio-ambiental. De personagens *indesejáveis*, tornaram-se *heróis* que compõem um verdadeiro *exército* da limpeza nas cidades, à medida que lutam por sua sobrevivência.

Com a “naturalização” desta situação, passa-se a estimular movimentos sociais de inclusão desta camada da população nos meios produtivos da reciclagem. Movimentos esses, que visam reforçar a situação vigente e não questionam o atual modelo político-econômico.

Segundo Netto (2001), “no capitalismo dos monopólios, tanto pelas características do novo ordenamento operário e pelas necessidades de legitimação política do movimento operário e do Estado burguês, a “questão social” como que se internaliza na ordem econômico-política”.

A individualização dos problemas sociais é um elemento constante no enfrentamento da questão social, o que permite transferir a proposta de resolução destes problemas para a modificação e/ou redefinição de características pessoais do indivíduo. Do ponto de vista do sujeito, a individualização compensa o espaço de realização autônoma que lhe foi subtraído, uma vez que demandando o atendimento dos “serviços” que as instituições sociais lhe oferecem, o indivíduo obtém uma “fórmula” para buscar sua inserção social, o que parece propiciar-lhe um vínculo societário. (NETTO, 2001)

Transferindo para o sujeito a responsabilidade pela sua integração social, o que se consagra é a impotência dos sujeitos e protagonistas sociais em face dos rumos do desenvolvimento da sociedade. No domínio do mercado existem, naturalmente, ganhadores e perdedores, fortes e fracos, os que pertencem e os que ficam de fora.

No capitalismo monopolista as refrações da “questão social”, são convertidas em problemas sociais. É com esta conversão que se opera o ressitar do ethos individualista, que emerge paradoxalmente fortalecido: o que escapa à conseqüência da ação publica torna-se-lhe o campo privilegiado de vigência. É assim que as condições que o marco do monopólio estabelece para intervenção sobre os problemas sociais não destroem a possibilidade de enquadrar os grupos e os indivíduos por eles afetados numa ótica e individualização que transfigura os problemas sociais em problemas pessoais (privados); ao contrário, esta ótica aparece como persistente elemento coadjuvante e/ou, em situações histórico-sociais precisas, até mesmo componente de extremo relevo do enfretamento público das seqüelas da “questão social”. (NETTO, 2001)

Numa sociedade de classes, sem dúvida, há uma tendência a naturalizar a sua estrutura e, desse modo, a distinção social aparece não só como natural, mas também como uma complementaridade necessária (para haver ricos, tem de haver pobres; se não existem os ricos para dar trabalho aos pobres, como eles iriam sobreviver?, etc.). No entanto, é possível admitir-se que é da riqueza produzida pelos que trabalham que vivem aqueles que concentram em suas mãos a maior parte da riqueza. Dificilmente conseguiriam, com seu próprio trabalho, reunir toda a riqueza que possuem (GONÇALVES, 2000).

Ao naturalizar relações de trabalho tão degradantes e humilhantes como as dos catadores de lixo, principalmente os autônomos, propõe-se o desenvolvimento

de uma *cidadania* que reforça as relações sociais que este mundo projeta, ou seja, uma *cidadania do consenso*, que escamoteia os conflitos.

Como já falamos anteriormente, o primeiro incentivo que recebemos para realizar este trabalho veio da nossa experiência profissional. O segundo resultou do encontro do nosso objeto de pesquisa com o estudo da nossa orientadora que trabalha com o tema: Políticas Ambientais e Relações de Trabalho. No nosso entender, o debate sobre o trabalho dos catadores de lixo está envolvido numa política de “glamourização” da “profissão”. Muitos agentes, quer sejam de movimentos sociais quer sejam do governo, passaram a destacar a importância dos catadores no processo de produção da reciclagem. Na perspectiva da maioria dos referidos agentes os catadores de lixo contribuem para que tenhamos “cidades sustentáveis”.

Estes agentes partem do princípio que o aproveitamento de materiais recicláveis contribuem para diminuir as condições de misérias de parte das populações pobres, à medida que essa atividade passa a gerar emprego e renda.

Concebe-se que uma grande parte da população, aqueles que estão confortavelmente no mercado, contribuem com o volume de lixo produzidos na cidade, outros, também pelo lugar que ocupam na sociedade, terão como opção de vida viver de catar o lixo que pode ser reaproveitado. Assim, estão destinados a viver do Lixo produzido nesta mesma cidade, o qual alimentará o processo de produção de produtos descartáveis.

Esta compreensão que vigora particularmente após a vigência do modelo liberal, contribuiu para que indagássemos como vivem e trabalham os catadores de lixo em Maceió.

Contudo, a análise das condições de vida e trabalho do grupo de catadores estudados demonstra que a realidade dos catadores em Maceió não foi alterada. Eles são os mesmos “desvalidos” de outrora alimentando a cadeia de produção dos recicláveis, como dissemos no último capítulo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Alexandre; PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo. A importância das parcerias no gerenciamento de resíduos sólidos domésticos. In: **Associação Brasileira de Engenharia Sanitária**. Trabalhos Técnicos. Rio de Janeiro: ABES, 1999.

ALMEIDA, Josimar Ribeiro de; MELLO, Cláudia dos S.; CAVALCANTI, Yara. **Gestão Ambiental: planejamento, avaliação, implantação, operação e verificação**. Rio de Janeiro: Tex editora., 2004.

ALVA, Eduardo Neira. **Metrópoles (In) sustentáveis**. Rio de Janeiro: Relume e Dumará, 1997.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

AMIN, Samir. **A caminho de uma nova crise estrutural do sistema capitalista**. Crítica e sociedade 4/ Porto: Edições Afrontamento, 1978.

AMORIM, Valter Pedrosa de. **Resíduos sólidos urbanos**: o problema e a solução. Brasília: Roteiro Editorial Ltda, 1996.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós - modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ANDRADE, Maristela Oliveira. **Sociedade, natureza e desenvolvimento**: interfaces do saber ambiental. João Pessoa: Universitária, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

AONDE VAMOS. Boletim enfoque. **Pitanguinha minha vida**: Há 7 Anos reaproveitando o lixo em Alagoas. Maceió, 1999 Disponível em: <<http://www.aondevamos.eng.br/boletins/edicao04.htm>>. Acesso em 10 de março de 2005.

ASMARE - ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE PAPEL, PAPELÃO E MATERIAL REAPROVEITÁVEL. **Asmare - Associação dos catadores de papel, papelão e material reaproveitável**. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.asmare.org.br/conheca.asmare/historico.htm>> Acesso em 26 de maio de 2006.

Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental. **ABES**: Resíduos Sólidos Urbanos: Coleta e Destino Final. Maceió, 2003.

AVILA, Antônio Ferreira. **Matéria-prima que vem do lixo**. Minas Gerais: Revista FAPEMIG, 2004. Disponível em: <<http://revista.fapemig.br>> - reportagem da edição nº 18. Acesso em 20 de maio de 2005.

BARBOSA, Jair; ANJOS, José Ademir M. **Nas noites de serestas, a Pitanguinha vai à lua**. Maceió, 2006. Disponível em: <<http://maisalagoas.uol.com.br/mais.asp?id=pitanguinha>>. Acesso em 18 de julho de 2006.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Globalização**: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BECK, Ulrich. **O que é globalização?**: equívocos do globalismo respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BEHRING, Eliane Rossetti. **Brasil em contra-reforma**: desestruturação do Estado e perda de direitos. São Paulo: Cortez, 2003.

BERNARDES, Júlia Adão; FERREIRA, Francisco Pontes de Miranda. Sociedade e Natureza. In: CUNHA, Sandra Baptista da (Org); GUERRA, Antônio José Teixeira (Org). **A questão ambiental**: diferentes abordagens, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1987.

BRITO, Paulo Afonso Barbosa de. **Movimentos sociais e educação popular no Nordeste**. Recife-PE: Escola de Formação Quilombo dos Palmares, 2003.

BURSZTYN, Marcel et. al. **No meio da rua**: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

_____. **Ciência, ética e sustentabilidade**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

CALDERONI, Sabetai. **Os bilhões perdidos no lixo**. 4ª edição - São Paulo: Humanitas Editora/ FFLCH / USP, 2003.

CAMPOS, Sirlei Sebastiana Polidoro; e CAVASSAN, Osmar. Oficina de materiais recicláveis: uma atividade alternativa em programas de educação ambiental. In: TALAMONI, Jandira. et. al. **Educação ambiental: da prática pedagógica à cidadania**. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura Carvalho. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico** – São Paulo: Cortez. 2004.

CASTRO, Elton André Silva de. **Do afeto e da política em um cotidiano (in) sustentável: as trajetórias de vida dos trabalhadores da reciclagem**. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) PRODEMA, Universidade Federal de Alagoas, Maceió - Al, 2003.

CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Miriam. **Por um novo Paradigma do Fazer Políticas: Políticas de /para /com juventudes**. 2ª versão, UNESCO, Brasília, 2003.

CAVALCANTE FILHO, Arnóbio. **Evolução do pensamento econômico: uma síntese**. Maceió: EDUFAL, 1996.

CAVALCANTE, Clóvis (org). **Meio Ambiente Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas**. 4ª edição – São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

CHERMONT, Larissa Steiner; MOTTA, Ronaldo Seroa da. **Aspectos econômicos da gestão integrada de resíduos sólidos**. Rio de Janeiro: IPEA, 1996.

COCCO, Giuseppe (coord); GALVÃO, Alexandre Patez; SILVA, Gerardo. **Capitalismo Cognitivo: trabalho, redes e inovação**. DP&A editora. Rio de Janeiro, 2003.

CONCEIÇÃO, Márcio Magera. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade: análise interdisciplinar das cooperativas de reciclagem de lixo**. Campinas, SP: Átomo, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE – RESOLUÇÃO **CONAMA** Nº 275, 25/04/2001. Estabelece o código de cores para os diferentes tipos de resíduos, a ser adotado na identificação de coletores e transportadores, bem como nas campanhas informativas para a coleta seletiva.

COOPAMARE - COOPERATIVA DE CATADORES AUTÔNOMOS DE PAPEL, APARAS E MATERIAIS REAPROVEITÁVEIS. **Coopamare - Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis**. Belo Horizonte. Disponível em: < <http://www.coopamare.org.br/>>. Acesso em 26 de maio de 2006.

CORTEZ, Juan Carlos Vinas; MILFONT, Taciano Lemos; BELO, Raquel Pereira. **Significados psicológicos do lixo**: um estudo através das redes semânticas naturais. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2001.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

CUNHA, Márcio Antônio. **Lixo urbano**: algo fora do lugar. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

DRUCKER, Peter F. **O melhor de Peter Drucker**: a Sociedade. Tradução de Edite Sciulli, São Paulo: Nobel, 2002.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERNANDES, Marcionila; GUERRA, Lemuel. **Contra – discurso do desenvolvimento sustentável**. Belém: Associação de Universidades Amazônicas, 2003.

_____. **Sociedade, natureza e desenvolvimento:** fundamentos. Apontamentos de aula, 2005.

FERREIRA, Mário Lino de Souza. **Sanare.** Revista Técnica da Sanepar, Curitiba, v.15, n.15, p. 36-47, jan/jun, 2001

FERREIRA JUNIOR, Reynaldo Rubem. **Introdução à teoria dos ciclos econômicos.** Maceió: EDUFAL, 1998.

FÓRUM NACIONAL LIXO E CIDADANIA. **Uma articulação nacional em torno do lixo.** Brasília, 1998. Disponível em: <http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadaniaforum/fn_index.htm> Acesso em: 26 de maio de 2006.

FÓRUM NACIONAL LIXO E CIDADANIA. **Participação do Fórum Lixo e Cidadania no V Fórum Social Mundial foi um sucesso!** Brasília, 1998. Disponível em: <<http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadania/index.htm>>. Acesso em 05 de junho de 2006.

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx:** materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FRANCO, Augusto de. **Além da Renda:** a pobreza brasileira como insuficiência de desenvolvimento. Brasília: Millennium Instituto de Política, 2000.

FREI BETO. Catar lixo não é fácil. **Jornal do Brasil online**, Brasília, 03 de junho de 2001. Disponível em <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/opiniao/2001/06/02/joropi20010602001.html> Acesso em 04 de setembro de 2005.

GALVÃO, Alexandre et al. **Capitalismo Cognitivo:** trabalho, redes e inovação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GERSRAD, **Relatório Final**: Gerenciamento Integrado para Transferência e Destino Final dos Resíduos Sólidos Urbanos de Maceió. 2004.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. 2ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1988.

GOMES, Gustavo Maia. **Velhas secas em novos sertões**: continuidade e mudanças na economia do semi-árido e dos cerrados nordestinos. Brasília: IPEA, 2001.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto in José Silva Quintas (org.) **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente**. Brasília: Ibama, 2000.

GONÇALVES, Pólita. **A reciclagem integradora dos aspectos ambientais, sociais e econômicos** – Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2003.

GONÇALVES, Raquel de Souza. Catadores de Materiais recicláveis. **Revista de Serviço Social**- Ano XXVI – nº 82 São Paulo: Cortez, 2005.

GORZ, André. **Crítica da Divisão do Trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GUIMARÃES NETO, Leonardo. **A introdução à formação econômica do Nordeste**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1989.

GRIPPI, Sidney. **Lixo, reciclagem e sua história**: guia para as prefeituras brasileiras. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

HELENE, Maria Elisa Marcondes; MARCONDES, Beatriz; NUNES, Edelci. **Cenário Mundial**: a fome na atualidade. São Paulo: Scipione, 1994.

IANNI, Octávio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - **IBGE**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Brasília, 2006. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 de julho de 2006.

Instituto de Pesquisa Tecnológica de São Paulo / Compromisso Empresarial para a Reciclagem – **IPT / CEMPRE**: Lixo municipal: Manual de Gerenciamento Integrado, São Paulo, 2000.

_____/_____: **Lixo**: destinação, tipos de resíduos e reciclagem, São Paulo, 1995.

JUCÁ, J. F. T. **Relatório Final**: Diagnóstico de resíduos sólidos do estado de Alagoas. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO / MMA, 2002.

JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura. **Mais que sobras e sobrantes**: trajetória de sujeitos no lixo. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Fio Cruz, Rio de Janeiro: 2004.

_____. **Vida e trabalho no lixo**: uma história passada a limpo. Trabalho apresentado no XI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais e III Encontro Nacional de Serviço Social e Seguridade: São Luiz-Ma, 2004.

JURAS, I.A.G.M. **Legislação Sobre Reciclagem de Lixo**.

KRAWCZYK, Nora Rut; WANDERLEY, Luiz Eduardo. **América Latina**: estado e reformas numa perspectiva comparada. São Paulo: Cortez, 2003.

KRELL, A.J. **Condições Jurídicas e Administrativas da Municipalização da Proteção Ambiental**: Projeto Costa Dourada. Direitos & Deveres, n.6: 9- 51, Maceió, 2000.

LAGO, Antônio; PÁDUA, José Augusto. **O que é ecologia**. São Paulo: Brasiliense, 2004

LANGONI, Carlos Geraldo. **A economia da transformação**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**: quarto volume das atas do Colóquio Internacional sobre Filosofia e Ciência, realizado em Londres em 1965. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável**: evolução de um conceito? Revista Proposta, 1997.

_____. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LAYRARGUES, Ph. P. et al. (Orgs.). **Educação Ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A cortina de fumaça**: o discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica. São Paulo: Annablume, 1998.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LESSA, Carlos. **Auto-estima e desenvolvimento social**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e ser social**. Maceió: EUFC / EDUFAL, 1997.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**

LIMA, Valéria Pedrosa de. **Percepções de risco socioambiental no entorno do lixão municipal de Cruz das Almas - Maceió**. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) PRODEMA / UFAL, Maceió /AL, 2005.

LITTLE, Paul E. (org). **Políticas ambientais no Brasil: análises, instrumentos e experiências**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. et al. **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

MADALENA, Wanderléia Coelho. **Sanare**. Resíduos sólidos, vulgo lixo; pessoas, vulgo cidadão. Revista Técnica da Sanepar, Curitiba, v.15, n.15, p. 9-10, jan / jun. 2001.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MAY, Peter H.; LUSTOSA, Maria Cecília; VINHA, Valéria. **Economia do meio ambiente: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

MIOTTO, Luciana Bernardo. **Desenvolvimento sustentável e problemática ambiental: os processos de reciclagem de lixo**. XI Congresso de Sociologia. GT 18. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br/>> Acesso em 05 de setembro de 2004.

MISSÃO URBANA E RURAL (MUR). **Missão Urbana e Rural (MUR)**. CONGRESSO DOS CATADORES DE PAPEL. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.mur.com.br/colunistas/fb/default.cfm?ID_Item=94> Acesso em: 05 de junho de 2006

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOTA, Ana Elizabete. **Entre a rua e a fábrica:** reciclagem e trabalho precário. Temporalis 6: Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social- ABEPSS. Ano III n. 6, julho a dezembro de 2002.

MOTTA, Ronaldo Seroa da; SAYAGO, Daiane Ely. **Propostas de Instrumentos econômicos ambientais para a redução do lixo urbano e o reaproveitamento de sucatas no Brasil.** Rio de Janeiro: IPEA, 1998.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS – MNCMR. **Movimento nacional dos catadores de materiais recicláveis– MNCMR.** Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/sua_historia.aspx> Acesso em 26 de maio de 2006

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS – MNCMR. **Carta de Caxias,** Caxias d Sul, 23 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/sua_historia.aspx> Acesso em 26 de maio de 2006

NETO, Benedito de Moraes. **Século XX e trabalho industrial:** taylorismo / fordismo, ohnoísmo e automação em debate. São Paulo: Xamã, 2003.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e serviço social.** 3ªed. ampliada – São Paulo: Cortez, 2001.

NOSSO FUTURO COMUM: Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

O.A.F. - ORGANIZAÇÃO DE AUXÍLIO FRATERNAL. **Organização de Auxílio Fraternal.** Salvador. Disponível em: <<http://www.oaf.org.br/index.php>>. Acesso em 05 de junho e 2006

OCB - ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS – **Organização das cooperativas brasileiras.** Brasília- DF. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/principal.htm>>. Acesso em 11 de outubro de 2004

O JORNAL online. Maceió, 20 de julho de 2006. Disponível em: <<http://www.ojornal-al.com.br/31082003/cidade06.htm>>. Acesso em: 20 de julho de 2006.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

REZENDE, Sonaly Cristina; HELLER, Léo. **O saneamento no Brasil: políticas e interfaces**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RODRIGUES, Francisco Luiz; CAVINATTO, Vilma Maria. **Lixo: de onde vem? Para onde vai?** São Paulo: Moderna, 2003.

SACHS, Jeffrey. **O fim da pobreza**. Como acabar com a miséria no mundo nos próximos 20 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento e Direitos Humanos**. Maceió: PRODEMA, 2000.

SAWAIA, Bader et. Al. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

SCARLATO, Francisco Capuano e Joel Arnaldo Pontin: consultoria Sérgio de Almeida Rodrigues. **Do nicho ao lixo: ambiente, sociedade e educação** – São Paulo: Atual, 1992 – (série meio ambiente)

SCHWARTZMAN, Simon. **Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo**. São Paulo: Augurium Editora, 2004.

SECRETARIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA - SENAES. **Plano de ação 2004**. Brasília, 2004. Disponível em < <http://www.mtb.gov.br/Empregador/EconomiaSolidaria/Conteudo/planodeacao.pdf>>. Acesso em: 20 de julho de 2006.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego**: diagnósticos e alternativas. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Laura Tavares. **Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina**. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, Nali de Jesus. **Desenvolvimento econômico**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1999.

SPINK, Mary Jane P. **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TALAMONI, Jandira et al. **Educação Ambiental**: da prática pedagógica à cidadania. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in) visíveis da produção capitalista**: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.

TERTO NETO, Ulisses Pereira - **Uma abordagem da luta social pelo acesso à justiça como expressão da questão social**: considerações preliminares. II Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luis- MA:2005.

TILLY, Charles. **Coerção, Capital e Estados Europeus**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1996.

TODD, Emmanuel. **A ilusão econômica**: ensaio sobre a estagnação das sociedades desenvolvidas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

TONET, Ivo. **Democracia ou liberdade?** Maceió: EDUFAL, 2004.

TOSTA, Tânia Ludimila Dias. Memória das ruas, memórias da exclusão in BURSZTYN, Marcel et. al. **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

TUNDISI, José Galizia. **Água no século XXI: enfrentamento e escassez**. São Carlos: RiMa, IIE, 2003.

VILHENA, André. **A reciclagem como um fator de melhoria social**. 2005. Disponível em: <<http://www.reciclaveis.com.br/noticias/00411/0041116fator.htm>> Acesso em 10 de outubro de 2005.

WANDERLEY, Mariângela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão in: SAWAIA, Bader et. al. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

WARREN, Ilse Scherer – FERREIRA, José Maria Carvalho – **Transformações Sociais e Dilemas da Globalização: um diálogo Brasil /Portugal**. São Paulo. Cortez, 2002.

SOUZA-LIMA, José Edmilson de. **Economia ambiental, ecológica e marxista versus recursos naturais** Rev. FAE, Curitiba, v.7, n.1, p.119-127, jan./jun, 2004.